



sinergias ed

Conhecer para melhor agir

Promoção da investigação sobre a ação em ED em Portugal

Estudo sobre perceções e relevância da Educação para o Desenvolvimento em Portugal



Uma iniciativa:



Apoio:



FICHA TÉCNICA

RESPONSABILIDADE

Centro de Estudos Africanos da Universidade do Porto e Fundação Gonçalo da Silveira, no âmbito do projeto *Sinergias ED: Conhecer para melhor agir – promoção da investigação sobre a ação em ED em Portugal*.

REDAÇÃO

Rita Rocha da Silva, Ana Oliveira e equipa do projeto *Sinergias ED: conhecer para melhor agir – promoção da investigação sobre a ação em ED em Portugal*.

RECOLHA E ANÁLISE DE DADOS

Rita Rocha da Silva e Ana Oliveira.

Dezembro de 2014

ÍNDICE

1. Introdução	4
2. Estudo sobre perceções e relevância da ED em Portugal – primeiras conclusões	6
2.1. Inquérito nacional	6
2.1.1. Caracterização dos participantes	6
2.1.2. Conhecimento do conceito de ED e impacto da ENED na instituição	7
2.1.3. Relevância e influência das temáticas de ED no âmbito do trabalho da instituição	11
2.1.4. Perceções sobre a ED e sobre as suas práticas	13
2.2. Entrevistas semiestruturadas	17
2.2.1. Definição do conceito de ED	17
2.2.2. Relevância da prática da ED nas instituições	20
2.2.3. Influência da ED nas instituições	22
Anexos	23
Anexo A: Versão final do inquérito por questionário.....	24
Anexo B: Resultados do inquérito por questionário <i>online</i>	34
Anexo C: Guião de entrevista (guião geral, com as questões comuns a todos os entrevistados)	54
Anexo D: Guião de entrevista (guião com o conjunto das questões específicas, a partir das respostas ao questionário)	55
Anexo E: Grelha de análise de conteúdo das entrevistas semiestruturadas	59

1. INTRODUÇÃO

No contexto em que vivemos, de uma globalização crescente e de uma sociedade em constante mudança, a Educação para o Desenvolvimento (ED) desempenha cada vez mais um importante papel ao trazer para os ambientes educativos, formais, não formais e informais, novos focos de interesse, novas ferramentas, novas estratégias de construção do conhecimento e de competências que visam, muito mais do que a perpetuação do saber, o desenvolvimento da reflexão e do espírito crítico, num constante questionar do instituído e num apelo à transformação social, guiada por um princípio de participação social.

Historicamente, em Portugal, a ED foi domínio das organizações da sociedade civil até ser reconhecida, em 2005, como prioridade setorial da política nacional de desenvolvimento e cooperação através do documento “Uma Visão Estratégica para a Cooperação Portuguesa”, aprovado pelo Conselho de Ministros. Este reconhecimento abriu caminho para que no ano de 2008 se iniciasse, pela mão do então Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), e com a colaboração de outras instituições, públicas e da sociedade civil, o processo de elaboração da Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED), a qual viria a ser aprovada e promulgada a 26 de novembro de 2009, tendo como principal objetivo “promover a cidadania global através de processos de aprendizagem e de sensibilização da sociedade portuguesa para as questões do desenvolvimento, num contexto de crescente interdependência, tendo como horizonte a ação orientada para a transformação social”¹.

As conclusões retiradas dos vários Relatórios de Acompanhamento da ENED já publicados dão conta de que as Medidas com menor cobertura são as que dizem respeito à promoção da investigação na área de ED e à reflexão registada sobre as suas atividades. O projeto *Sinergias ED: Conhecer para melhor Agir – promoção da investigação sobre a ação na ED em Portugal* pretende contribuir para ultrapassar estas dificuldades, tendo como objetivo maior promover a valorização da ED em Portugal e a qualidade da sua intervenção. Para que tal seja possível, pretende-se especificamente: 1) criar oportunidades e condições para a ligação investigação/ação na produção de conhecimento em ED e 2) sistematizar e aprofundar o conhecimento relevante para a capacitação de atores de ED.

Para tal, o projeto propõe-se ligar Instituições de Ensino Superior (IES) e Organizações da Sociedade Civil (OSC), e seus respetivos colaboradores, investigadores, docentes e discentes, num processo de aprendizagem colaborativo, com vista a criar dinâmicas de diálogo e cooperação institucional que permitam potenciar as sinergias e complementaridades em torno da investigação e da ação na área da ED. Ao mesmo tempo, tem-se em vista uma preocupação concreta com o reforço da capacitação em ED destes atores e a sua interligação com bases conceptuais e teóricas. Com a duração de 2 anos (dezembro 2013 a dezembro 2015), o projeto prevê um conjunto de atividades, das quais se destacam: a) a criação e consolidação de uma linha de investigação em ED, apoiada por uma produção de fontes primárias através da realização de um estudo sobre percepções e práticas de ED e da elaboração de Estudos de Caso de experiências de ED implementadas em Portugal; b) a criação de uma revista científica, com

¹ IPAD – Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (2009), *Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento 2010-2015*, Portugal.

peer-review, dedicada à ED, onde serão editados os estudos realizados, os resultados tratados do inquérito e artigos e ensaios de reflexão sobre conceitos, temáticas, metodologias e experiências de ED, nacionais e internacionais²; c) a realização de uma conferência internacional sobre ED, momento para se procurar traçar um estado da arte e desenhar rumos de investigação/ação para o futuro; d) a construção um *website*, que servirá de apoio à disseminação dos resultados das atividades, de veículo de promoção da ED e de catalisador de debate e reflexão³; e) o reforço da capacitação dos atores das OSC e das IES, através da construção de referenciais teórico-práticos de formação em ED para estes públicos, os quais incorporarão os resultados do processo de produção de conhecimento a que este projeto se propõe.

É, pois, no âmbito do projeto *Sinergias ED* que se realiza este estudo sobre percepções e relevância da ED em Portugal, com o sentido de apoiar a produção de fontes primárias para o estudo e reflexão sobre a ED, através de uma primeira tentativa de auscultação sistematizada dos seus vários atores, o qual permitiu produzir um conjunto de dados relevantes para o efeito.

Os objetivos específicos deste estudo são:

- Melhorar o conhecimento efetivo sobre ED em Portugal;
- Reunir informação relevante e sistematizada sobre práticas e percepções de ED junto dos profissionais da área ao nível nacional;
- Servir de base para a construção dos referenciais de formação para a capacitação das IES e OSC previstos no projeto *Sinergias ED*;
- Servir de base e/ou apoio para estudos mais aprofundados/regulares nesta área.

Desta forma, foi construído e realizado um inquérito por questionário *online* constituído por 3 grandes grupos de questões que exploraram as percepções dos participantes sobre três temas distintos, a saber: (a) Conhecimento do conceito de ED e impacto da ENED na instituição; (b) Relevância e influência das temáticas de ED no âmbito do trabalho da instituição; e (c) Percepções sobre a ED e sobre as suas práticas (ver Anexo A). O inquérito teve abrangência nacional e foi focalizado nos profissionais que têm, de alguma forma, contacto com a área. Os resultados integrais obtidos com as respostas ao inquérito estão disponíveis no Anexo B.

A partir das respostas ao inquérito por questionário, foram selecionados 6 respondentes junto dos quais foram realizadas entrevistas semidiretivas, com o intuito de aprofundar e clarificar algumas das informações obtidas através do inquérito, dando especial ênfase à definição do conceito de ED, à relevância da prática da ED na instituição e à influência da ED no mesmo contexto. O guião de entrevista continha ainda outras categorias, como as relações entre ED e formação, a ENED e sua influência na instituição, o papel da ED em Portugal e ainda iniciativas de ED merecedoras de destaque, tendo-se criado um guião geral, com as questões comuns a todos/as os/as entrevistados/as (Anexo C), o qual foi complementado com um conjunto de questões específicas por entrevistado/a, a partir das suas respostas ao questionário (Anexo D).

² Ver <http://www.sinergiased.org/index.php/revista>

³ Ver www.sinergiased.org

As entrevistas foram, posteriormente, alvo de uma análise de conteúdo temática, sendo possível consultar a informação recolhida no Anexo E.

A seguir apresentam-se algumas das primeiras conclusões do estudo, disponibilizando-se em anexo todos os instrumentos utilizados e dados recolhidos através deste processo. Como se referiu acima, pretende-se com isso facilitar e promover futuros aprofundamentos da primeira análise aqui efetuada, bem como servir de apoio e referência a outros estudos e reflexões na área da ED.

2. ESTUDO SOBRE PERCEÇÕES E RELEVÂNCIA DA ED EM PORTUGAL – PRIMEIRAS CONCLUSÕES

2.1. Inquérito nacional

2.1.1. Caracterização dos participantes

Responderam ao inquérito 100 participantes, 30 do sexo masculino (30%) e 70 do sexo feminino (70%), com uma média de idades de $M = 41,38$ ($DP = 11,77$).

Apesar dos esforços para garantir uma abrangência nacional nas respostas ao inquérito, a grande maioria dos participantes trabalham em organizações ou instituições do distrito de Lisboa (55%), seguindo-se depois o distrito do Porto (14%) (Tabela 1).

Tabela 1. Distribuição das organizações/instituições de origem dos participantes por distrito de Portugal (frequência – n, e percentagem)

Distrito	N	%	Distrito	n	%
Lisboa	55	55%	Leiria	3	3%
Porto	14	14%	Beja	1	1%
Bragança	5	5%	Guarda	1	1%
Castelo Branco	5	5%	Santarém	1	1%
Viana do Castelo	4	4%	Setúbal	1	1%
Braga	4	4%	Estrangeiro	2	2%
Aveiro	4	4%	Total	100	100%

Em média, os participantes indicaram estar a trabalhar nas suas organizações/instituições há aproximadamente 10 anos ($M = 118,28$ meses, $DP = 109,72$). No entanto, tal como o desvio-

-padrão indica, há uma grande dispersão nos dados, tendo, por exemplo, um dos participantes indicado trabalhar há apenas 2 meses naquela instituição e outro ter indicado cerca de 32 anos (i.e., 383 meses).

A maioria dos participantes indicou trabalhar ou numa Organização Não-Governamental (ONG) (44%) ou numa Instituição do Ensino Superior/Centro de Investigação (34%) (Tabela 2).

Tabela 2. Distribuição dos participantes por tipo de organização/instituição (frequência – n, e percentagem)

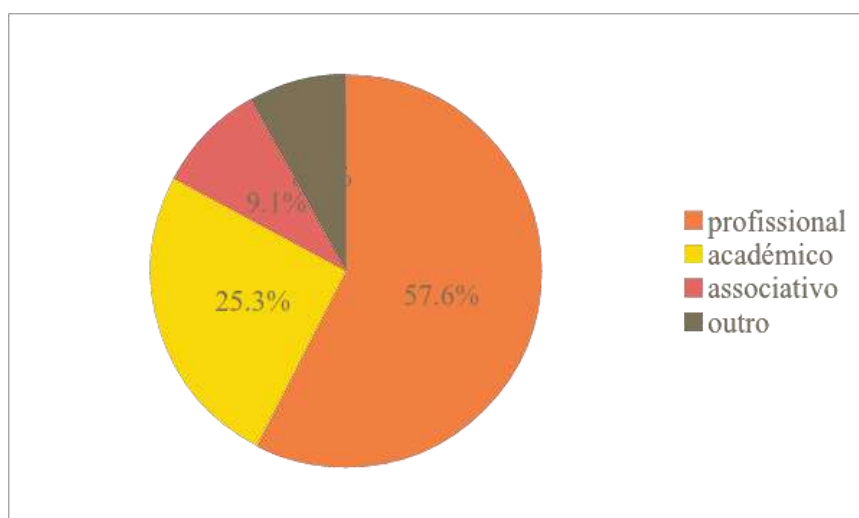
Tipo de organização	n	%
ONG	44	44%
Ensino Superior	34	34%
Instituição Pública	9	9%
Associação Juvenil	4	4%
Eclesiástica/Missionária	3	3%
Outra	6	6%
Total	100	100%

Pelo facto de o projeto *Sinergias ED* incidir particularmente na ligação entre Instituições de Ensino Superior (IES) e Organizações da Sociedade Civil (OSC), estes dois grupos de organizações foram os privilegiados enquanto público-alvo do estudo, sendo as suas respostas analisadas e comparadas em maior detalhe nas próximas secções.

2.1.2. Conhecimento do conceito de ED e impacto da ENED na instituição

No que diz respeito às questões “Conhece o conceito de Educação para o Desenvolvimento?” e “Contexto em que conheceu ED”, apenas 1 participante indicou não conhecer o conceito, tendo a maioria dos restantes 99 indicado que conheceu o conceito em contexto profissional (57,6%) ou académico (25,3%) (Figura 1).

Figura 1. Contexto em que os participantes conheceram o conceito de ED (%)



Já no que diz respeito à ENED, o número de participantes que indicou não estar familiarizado com a mesma sobe para 25 (25% de 100 participantes). Os restantes 75 participantes que indicaram estar familiarizados com a ENED foram ainda inquiridos sobre a sua perceção acerca do impacto da ENED na sua instituição. Como podemos ver na Figura 2, a grande maioria destes participantes considera que a ENED teve impacto na sua instituição ($n = 56$), sendo que 39 indicaram que esse impacto foi a nível conceptual, 34 indicam que teve impacto ao nível estratégico e 30 consideram que a ENED teve impacto do ponto de vista prático (Figura 3). Um conjunto de 6 participantes indicou ainda outro tipo de impactos da ENED nas suas instituições, dos quais 2 referiram que esse impacto se deu a nível “político”.

Figura 2. Percentagem de participantes que indica que a ENED teve impacto na sua instituição ($n = 75$)

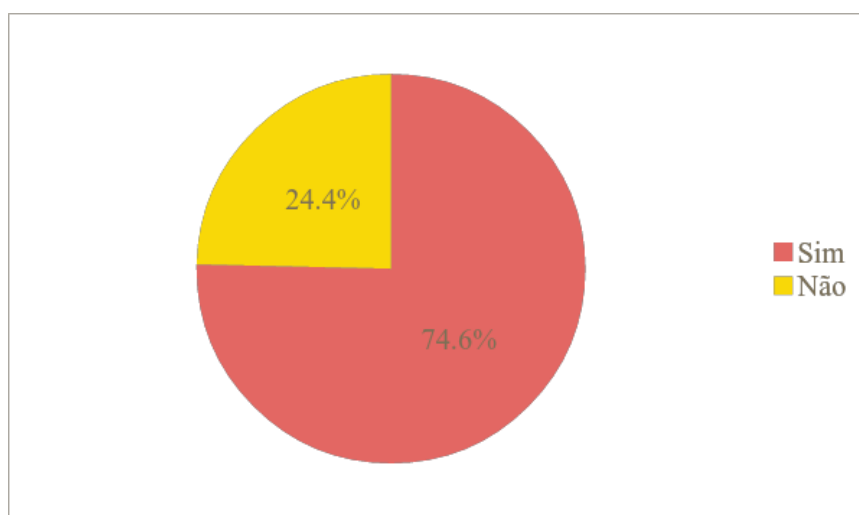
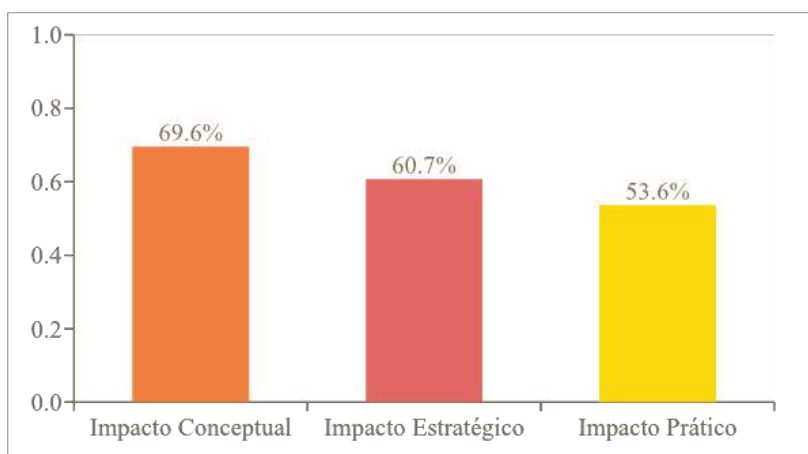


Figura 3. Percentagem de participantes que indica que a ENED teve impacto conceptual, estratégico e/ou prático na sua instituição (n = 56)



Considerando apenas os participantes provenientes de IES (n = 34) e de ONG (n = 44), verificamos que os valores entre os dois grupos de respostas não variam consideravelmente relativamente a estarem familiarizados com a ENED: tanto no caso das IES como das ONG, a maioria dos participantes indica estar familiarizado com a ENED (n = 24 ou 70,6% e n = 33 ou 75%, respetivamente).

Já no que diz respeito ao impacto da ENED, a proporção de participantes que reconhece que a ENED teve impacto na sua instituição é maior no caso das ONG (n = 26 em 33 participantes que indicaram estar familiarizados com a ENED; Figura 4) do que das IES (n = 16 em 24 participantes que indicaram estar familiarizados com a ENED; Figura 5).

Figura 4. Percentagem de participantes provenientes de ONG que indica que a ENED teve impacto na sua instituição (n = 33)

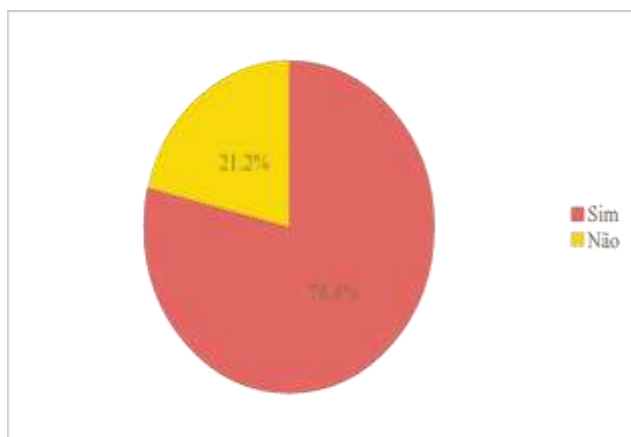
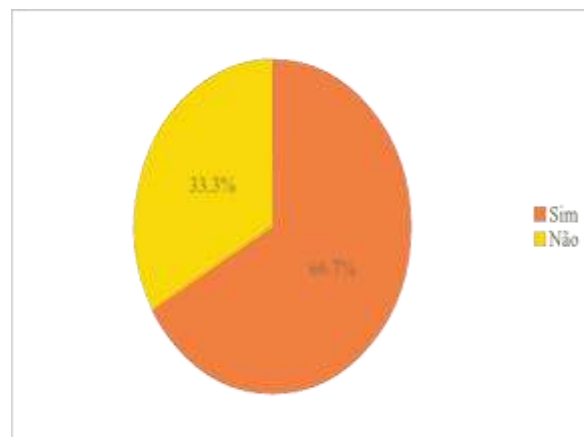


Figura 5. Percentagem de participantes provenientes de IES que indica que a ENED teve impacto na sua instituição (n = 24)



Em termos do tipo de impacto que a ENED teve nas instituições, as respostas entre participantes provenientes de IES e de ONG apresentam também algumas diferenças. Assim, no que diz respeito ao impacto a nível conceptual e ao nível estratégico – muito acentuadamente neste último –, são mais os participantes provenientes de ONG que reconhecem a existência de impactos nas suas instituições ($n = 19$ e $n = 21$ em 26 participantes que reconhecem o impacto da ENED, respetivamente) do que os participantes provenientes de IES ($n = 10$ e $n = 5$ em 16 participantes, respetivamente). Por outro lado, os participantes das IES apresentam um maior reconhecimento do impacto da ENED a nível prático nas suas instituições ($n = 10$ em 16 participantes, contra $n = 15$ em 26 participantes de ONG) (Figuras 6 e 7).

Figura 6. Percentagem de participantes proveniente de ONG que indica que a ENED teve impacto conceptual, estratégico e/ou prático na sua instituição ($n = 26$)

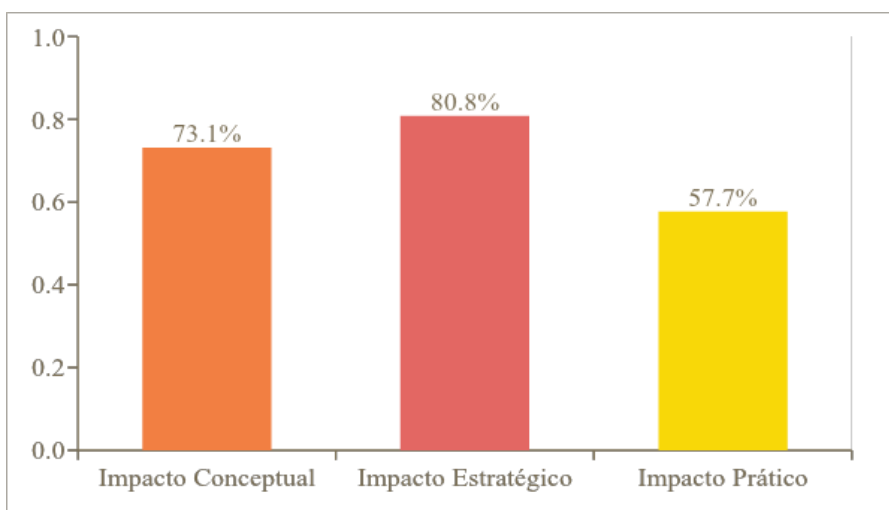
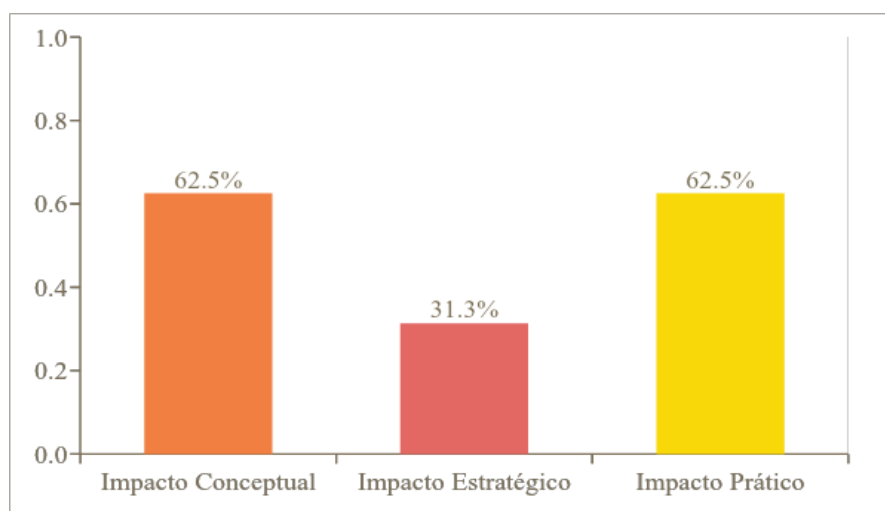


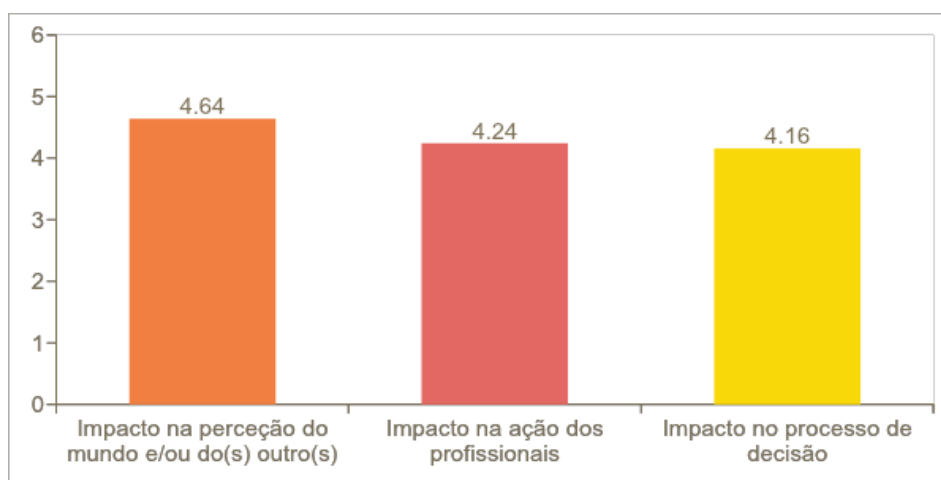
Figura 7. Percentagem de participantes proveniente de IES que indica que a ENED teve impacto conceptual, estratégico e/ou prático na sua instituição ($n = 16$)



2.1.3. Relevância e influência das temáticas de ED no âmbito do trabalho da instituição

Analisando as respostas ao conjunto de questões sobre a relevância atribuída à ED no âmbito do trabalho das suas instituições (ver grupo de questões 2.1. do inquérito por questionário, Anexo A), verifica-se que a relevância atribuída pelo total dos participantes (n = 100) a cada um dos temas explorados se situa sempre entre 4 e 5⁴ (ver tabela de dados do ponto 4.1. do Anexo B), o que indica uma tendência para atribuir uma relevância moderada à ED. Entre as seis afirmações apresentadas, aquela a que é atribuída uma maior relevância no âmbito do trabalho que as instituições dos participantes desenvolve é o “Impacto na percepção do mundo e/ou do(s) outro(s)”. As afirmações às quais foi atribuída menor relevância são igualmente aquelas que reúnem menos consenso em termos das respostas dadas pelos participantes: “Impacto no processo de decisão” e “Impacto na ação dos profissionais” (Figura 8).

Figura 8. Relevância atribuída pelo total de participantes à ED relativamente ao trabalho realizado nas suas instituições (valores médios; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Irrelevante e 6 = Muito Relevante)

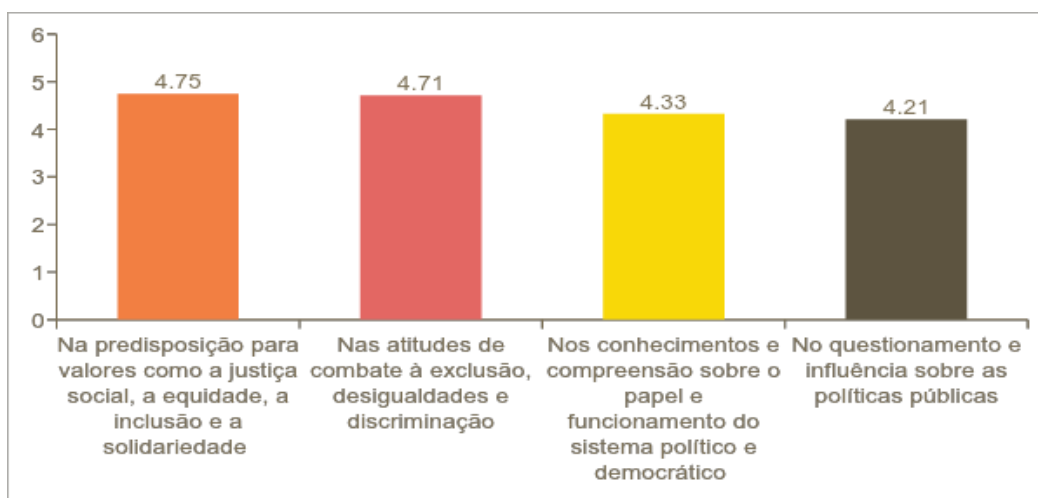


Tendo em conta a influência atribuída à ED no âmbito do trabalho realizado nas suas instituições (ver grupo de questões 2.2. do inquérito por questionário, Anexo A), novamente se verifica que os participantes avaliam a influência que a ED tem apenas como moderada. Assim, tal como na avaliação da relevância da ED no trabalho das instituições, a avaliação feita em cada um dos itens sobre a influência da ED situa-se sempre entre 4 e 5⁵ (ver tabela de dados do ponto 4.2. do Anexo B). Assim, as afirmações em que a ED foi avaliada como exercendo mais influência são: “Na predisposição para valores como a justiça social, a equidade, a inclusão e a solidariedade” e “Nas atitudes de combate à exclusão, desigualdades e discriminação”; já as afirmações que refletem áreas em que a ED é avaliada como tendo menos influência são: “Nos conhecimentos e compreensão sobre o papel e funcionamento do sistema político e democrático” e “No questionamento e influência sobre as políticas públicas” (Figura 9).

⁴ Numa escala de 1 (“Irrelevante”) a 6 (“Muito relevante”).

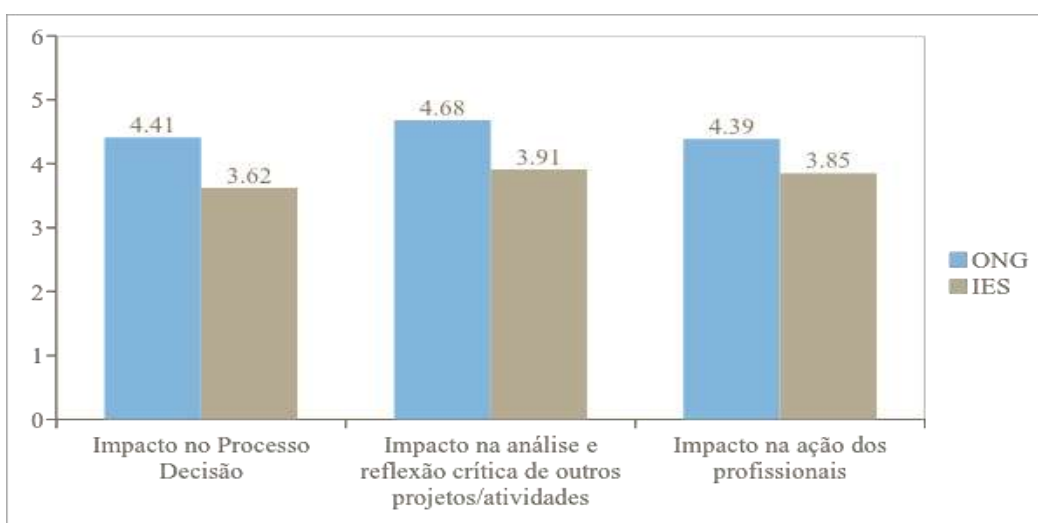
⁵ Numa escala de 1 (“Nenhuma influência”) a 6 (“Muita influência”).

Figura 9. Influência atribuída pelo total de participantes à ED relativamente ao trabalho realizado nas suas instituições (valores médios; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Nenhuma influência e 6 = Muita influência)



Concentrando-nos agora nas respostas dadas pelos participantes provenientes de ONG e de IES, de forma genérica, a relevância atribuída à ED nos diversos aspetos avaliados pelo conjunto de afirmações (ver grupo de questões 2.1. do inquérito por questionário, Anexo A) não difere significativamente em função dos participantes trabalharem em ONG ou IES. Apenas no que diz respeito ao “Impacto no processo de decisão”, “Impacto na análise e reflexão crítica de outros projetos/atividades” e “Impacto na ação dos profissionais” surgem diferenças consideráveis, sendo que os participantes provenientes de ONG atribuem mais relevância a estes aspetos do que os participantes provenientes de IES (consultar resultados dos testes de comparação de médias no ponto 4.1. do Anexo B) (Figura 10).

Figura 10. Relevância atribuída pelos participantes provenientes de ONG e de IES à ED no âmbito do trabalho das suas instituições (valores médios por grupo de participantes; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Irrelevante e 6 = Muito Relevante)



Tendo em conta a influência que a ED tem no âmbito do trabalho realizado nas suas instituições, os dois grupos de participantes não apresentam diferenças significativas nas suas respostas em nenhuma das áreas exploradas (consultar resultados dos testes de comparação de médias no ponto 4.2. do Anexo B).

2.1.4. Percepções sobre a ED e sobre as suas práticas

Com este grupo de questões procurou-se averiguar as percepções que os participantes têm do conceito de ED, tanto ao nível das suas ideias sobre o conceito (“O que pensa sobre ED”) como das práticas de ED que conhece. Assim, para cada um dos aspetos foram apresentadas várias afirmações, pedindo-se aos participantes para indicarem o quanto concordavam com cada uma delas (foi pedido aos participantes que se posicionassem numa escala de 6 pontos, em que 1 = Discordo Totalmente e 6 = Concordo Totalmente).

No que diz respeito às ideias sobre ED, e tendo em conta as respostas do total de participantes, em termos do seu grau de concordância com as afirmações apresentadas (ver tabela de dados do ponto 5.1. do Anexo B), é visível que algumas das ideias reúnem maior concordância, apresentando valores médios de $M > 5$. Essas afirmações são “A ED é um processo educativo de aprendizagem, formação, informação e ação”, “A ED, enquanto aprendizagem transformativa, implica processos de tomada de decisão participativos” e “A ED contribui para enriquecer os conceitos e práticas da educação formal e não-formal” (Figura 11). Já as afirmações que reúnem menor concordância por parte dos participantes que responderam ao inquérito são afirmações que traduzem ideias que, em princípio, são contrárias ao conceito/especificidade da ED, como “A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento”, “A ED não se distingue das outras “Educações para...”, “A ED deve potenciar um ambiente de ensino diretivo, no sentido de conseguir melhores resultados na sua ação” e “A ED tem como foco central as questões de género”. Nas avaliações globais dos participantes, é ainda possível encontrar uma afirmação com a qual os participantes parecem exibir um nível de concordância mais neutro – “A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta” (Figura 12; consultar tabela de resultados no ponto 5.1. do Anexo B).

Figura 11. Afirmações sobre ED com as quais os participantes concordam mais (valores médios para o total de participantes; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Discordo Totalmente e 6 = Concordo Totalmente)

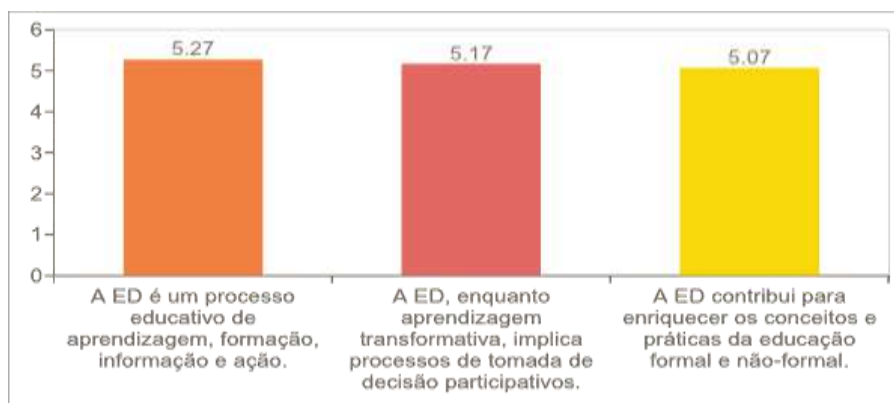
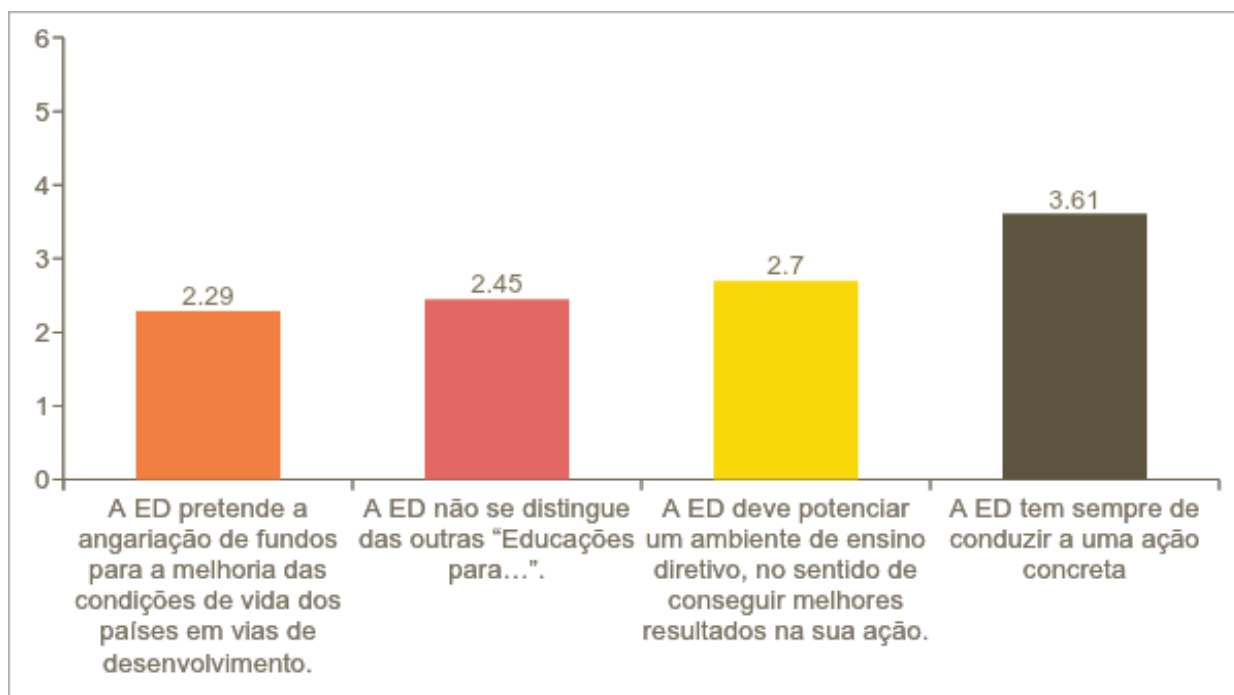
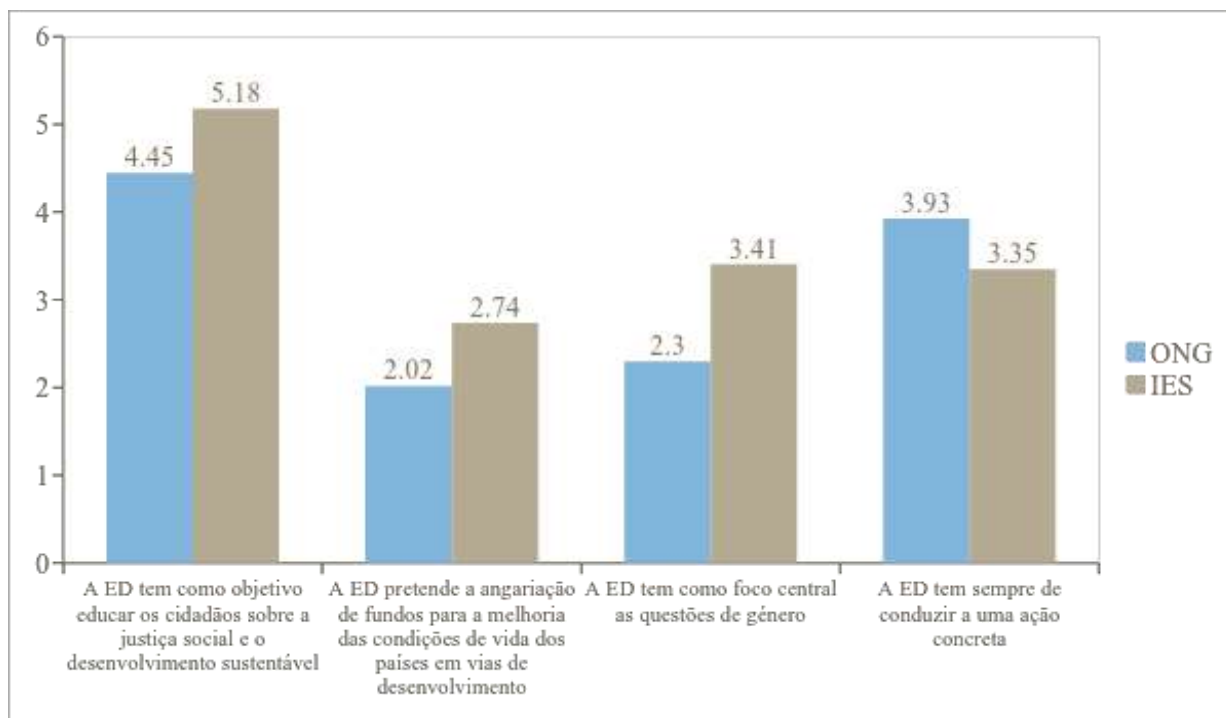


Figura 12. Afirmações sobre ED com as quais os participantes concordam menos (valores médios para o total de participantes; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Discordo Totalmente e 6 = Concordo Totalmente)



Relativamente à comparação entre as respostas dos participantes provenientes de IES e ONG, estes apenas diferem significativamente no nível de concordância com as seguintes afirmações: “A ED tem como objetivo educar os cidadãos sobre a justiça social e o desenvolvimento sustentável”; “A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento”; e “A ED tem como foco central as questões de género”. Em todos estes casos, os participantes provenientes das IES apresentam valores médios de concordância mais elevados do que os participantes provenientes de ONG. Os dois tipos de participantes apresentam ainda uma diferença marginalmente significativa ($p = 0,076$) no nível de concordância com a afirmação “A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta”, sendo que neste caso são os participantes provenientes de ONG que parecem concordar mais com a afirmação (Figura 13; consultar resultados dos testes de comparação de médias no ponto 5.1. do Anexo B).

Figura 13. Afirmações sobre ED em que os participantes provenientes de ONG e de IES apresentam diferenças significativas relativamente ao grau de concordância (valores médios por grupo de participantes; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Discordo Totalmente e 6 = Concordo Totalmente)



Também no que diz respeito às afirmações sobre as práticas de ED, e considerando novamente as respostas do total de participantes, alguns dos itens reúnem claramente mais concordância do que outros (ver tabela de dados no ponto 5.2. do Anexo B). Assim, as afirmações com as quais os participantes mais concordaram (todas com $M > 5,15$) são: “A ED permite o desenvolvimento de conhecimentos, competências, valores e atitudes para um mundo mais justo e sustentável”, “A ED promove a participação social no sentido de construir um mundo mais justo e igualitário” e “A ED reforça a consciencialização das injustiças e desigualdades” (Figura 14). Também neste conjunto de afirmações, aquelas que reúnem menor concordância por parte dos participantes são afirmações que traduzem ideias que, em princípio, são contrárias ao conceito e metodologias de ED, como: “A ED sensibiliza a partir da culpabilização”, “A ED usa uma só metodologia de trabalho”, “A ED reforça uma visão eurocêntrica do mundo” e “A ED reforça a divisão do mundo entre “norte desenvolvido/rico” e “sul subdesenvolvido/pobre” (Figura 15), sendo ainda de notar que estes níveis baixos de concordância são transversais a todos os grupos de participantes.

Figura 14. Afirmações sobre práticas de ED com as quais os participantes concordam mais (valores médios para o total de participantes; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Discordo Totalmente e 6 = Concordo Totalmente)

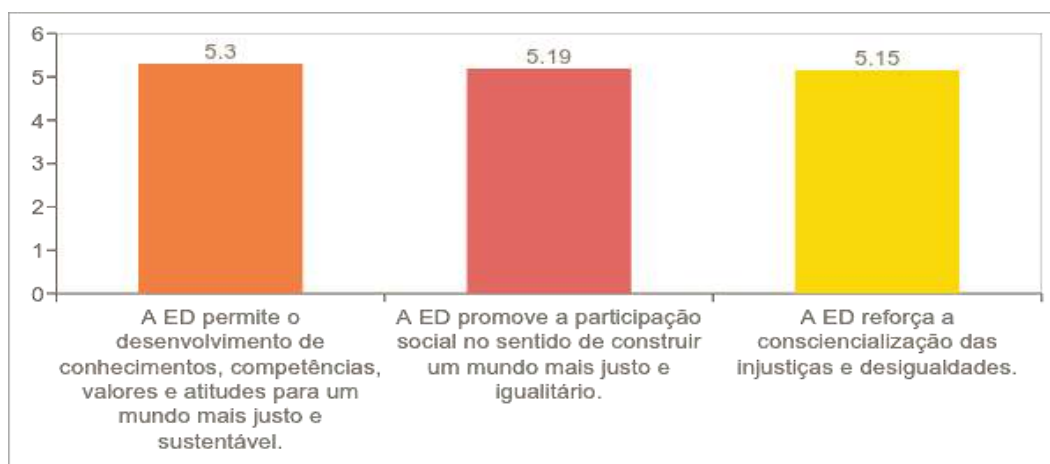
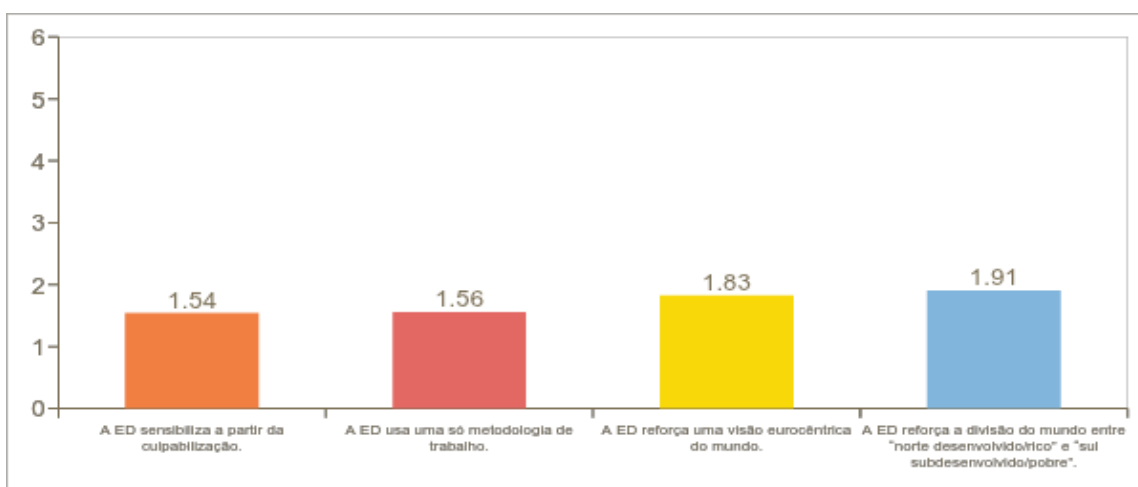


Figura 15. Afirmações sobre práticas de ED com as quais os participantes concordam menos (valores médios para o total de participantes; respostas medidas numa escala de 6 pontos, em que 1 = Discordo Totalmente e 6 = Concordo Totalmente)



Examinando agora as respostas dadas pelos participantes que trabalham em IES e em ONG tendo em conta as práticas de ED que conhecem, os dois grupos apenas diferem significativamente no grau de concordância com a afirmação: “A ED ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento”, com os participantes provenientes das IES a apresentarem um valor médio de concordância mais elevado do que os participantes provenientes de ONG ($M = 4,65$, $D.P. = 0,98$ e $M = 3,95$, $D.P. = 1,52$, respetivamente; consultar resultados dos testes de comparação de médias no ponto 5.2. do Anexo B).

2.2. Entrevistas semiestruturadas

Foram realizadas entrevistas a 3 profissionais de 3 IES, uma delas de Lisboa e as restantes do Norte do país e a 3 profissionais de 3 OSC, sediadas em Lisboa. Tiveram-se como critérios de escolha dos respondentes ao inquérito por questionário a entrevistar: a) trabalharem numa IES ou numa OSC, tendo em consideração ser este o público-alvo privilegiado do projeto Sinergias ED; b) não trabalharem numa instituição diretamente ligada ao projeto *Sinergias ED*; c) indicarem algumas respostas “extremas”, pela positiva ou pela negativa, em relação aos parâmetros questionados, no sentido de aprofundar melhor o porquê e as razões destas respostas; d) indicarem algumas respostas aparentemente não coerentes entre si, de forma a averiguar dessa possível incoerência e aprofundar o pensamento por detrás destas respostas.

2.2.1. Definição do conceito de ED

No que concerne às percepções em torno do conceito de ED, é possível identificar, quer no discurso das OSC, quer no das IES, a partilha de uma mesma visão. Com efeito, de uma forma geral, a ED é apresentada como uma grelha de análise do mundo, como uma forma de pensar em termos globais e de o fazer de modo crítico, promovendo a transformação, promovendo mudanças de mentalidades, de políticas, de comportamentos e atitudes. A ED é, então, vista como um processo educativo, que não se resume a ações pontuais, implicando um processo de tomada de consciência crítica, de reflexão sobre o estado do mundo, o modo como vivemos, a forma como são distribuídos os recursos e o poder. Tem uma dimensão global e é baseada em valores como a igualdade, a justiça, a solidariedade, visando a transformação, no sentido de um mundo mais justo e igualitário e também mais sustentável. Procura promover mudanças, não só nas leituras do mundo, mas também nos comportamentos individuais, envolvendo, por isso, diferentes dimensões: informar, sensibilizar, mobilizar para a mudança e influenciar as políticas. Este caráter de grelha de leitura do mundo faz com que uma das IES entrevistadas refira mesmo que esse aspeto permite distinguir a ED de outras “educações para...”, que se caracterizam por uma dimensão mais instrumental e operacional, relacionada com a aquisição de competências em áreas específicas. Tal não significa, no entanto, que não existam zonas de confluência entre elas.

É um processo educativo, não se resume a ações pontuais de marketing, de comunicação ou sedução. Implica, de facto, este processo de tomada de consciência crítica, de reflexão sobre o estado do mundo, o modo como vivemos, a forma como são distribuídos os recursos, o poder, a voz. Tem esta dimensão global. Não ficamos só no nosso quintalinho, mas também conta o nosso quintalinho. E é uma educação que visa a transformação. Entrevistada da OSC 2

Para mim, a Educação para o Desenvolvimento constitui uma grelha de análise do mundo, enquanto muitas destas “Educações para...” são mais instrumentais, mais operacionais para a aquisição de determinadas competências em áreas específicas. Entrevistada da IES 3

Não obstante a partilha de uma mesma visão da ED, não deixa de ser salientado, sobretudo por parte das IES, o caráter polissémico do conceito. Ou seja, é reconhecido que não há uma única

definição de ED, mas sim várias, que englobam vários tipos de educação (educação para a paz, educação para a sustentabilidade,...). Assume-se que a fronteira do conceito é bastante porosa e que esse facto é mesmo um dos seus traços definidores.

Neste sentido, tanto no discurso das IES como no das OSC são avançados conceitos alternativos ao de ED. Tal é o caso do conceito de “cidadania global participativa”, que é visto como uma forma mais simples de perceber o que é a ED. Um outro conceito proposto, desta vez por uma OSC, é o de “sensibilização para o desenvolvimento”, que pressupõe troca e partilha de opiniões, de ideias diferentes, bem como uma preocupação de saber o que o outro pensa. Este é considerado um conceito mais lato e até menos “arrogante” do que o de ED. Na verdade, a proposta deste conceito alternativo deve ser lida no quadro de um posicionamento crítico em relação às definições dominantes de ED, que é apresentado por uma das OSC. Assim, a instituição em causa entende que, para além de ser um termo algo pretensioso, o conceito original de ED exclui todo o trabalho que tem a ver com a advocacia (o advogar causas), com influência política e com o trabalho com os *media*. Por estas razões, o conceito de ED é considerado ultrapassado, limitado e limitativo; é um conceito ao qual se têm vindo a acrescentar novas ideias e que nunca foi substituído. Segundo este ponto de vista, para integrar no conceito original de ED o trabalho com outros recursos, com outros públicos-alvo, outras formas de trabalhar, outros objetivos, acaba-se por tentar tornar o conceito algo tão elástico que se chega a desvirtuá-lo.

Eu acho que elas [as “Educações para...”] estão todas interligadas. (...) Eu acho que devíamos ter um conceito mais lato. (...) Quando eu penso nestes conceitos, quando eu os leio, verifico que eles estão todos integrados e que temos de trabalhá-los de forma integrada. Entrevistada da OSC 3

*Eu não gosto do conceito de Educação para o Desenvolvimento. Eu acho que sensibilização é bastante melhor... Despertar mentalidades... E acho que esta sensibilização para o desenvolvimento é, provavelmente, a designação portuguesa mais correta. (...) Achamos que “educação” é um bocado pretensioso, dá-nos um ar um bocadinho arrogante. (...) Outra coisa é sensibilização. Sensibilização pressupõe troca de opiniões, partilha de ideias diferentes, preocupação de saber o que o outro pensa também. É um conceito mais lato, menos arrogante. Por outro lado, exclui todo este trabalho que a nós nos parece fundamental. O trabalho que tem a ver com advocacy. O conceito de Educação para o Desenvolvimento não tem esta noção de advogar causas. (...) O conceito de influência política também não cabe no conceito original de ED. O trabalho com os *media*, com os jornalistas também não está neste conceito. Ou seja, para nós o conceito de ED é um conceito ultrapassado. Corresponde a uma época passada, que tem 40 anos na Europa. (...) Há aqui alguma falta de seriedade em não assumir que o conceito de ED é um conceito limitado e limitativo.* Entrevistada da OSC 1

Esta é, de facto, uma opinião que se destaca, na medida em que as restantes instituições entrevistadas, sejam OSC ou IES, demonstram rever-se no conceito geral de ED, não deixando,

porém e sobretudo no caso das IES, de reconhecer que, em termos práticos, há ainda muito a fazer, nomeadamente ao nível do ensino infantil e da formação de professores.

Os dois tipos de instituições aqui considerados reconhecem, igualmente, a ligação e articulação entre ED e Cooperação para o Desenvolvimento (CD). Neste sentido e de uma forma geral, consideram que a primeira dá ferramentas às pessoas que estão envolvidas nos processos de CD, que as ajuda a construir melhores projetos e a perceber melhor o contexto onde estão envolvidas; isto porque os projetos de ED, muitas vezes, também são de política externa e estas ferramentas de pensamento crítico são muito úteis para a construção dos mesmos. Os conceitos de ED e CD surgem, assim, intimamente ligados. Se os projetos de cooperação pressupõem uma ação noutra país, noutra contexto, noutra realidade, a ED fornece todo um conjunto de ferramentas a quem trabalha nesses contextos para outro tipo de ações e para outro tipo de cooperação que não aquela que assume um carácter paternalista e assistencialista. De forma complementar, no caso de uma das OSC entrevistadas, esta articulação é também perspetivada no sentido em que a ED, ao promover uma chamada de atenção para as interdependências entre “Norte” e “Sul”, entre centro e periferia, para as desigualdades e injustiças existentes e para as razões pelas quais elas existem, acaba por legitimar as iniciativas de cooperação que efetivamente promovam a capacitação das pessoas.

Eu acho que a ED tem um papel importante para ajudar à construção de projetos de Cooperação para o Desenvolvimento, porque permite esta compreensão crítica de fenómenos globais e das interdependências e das assimetrias, etc. Acho que dá ferramentas a quem está envolvido nestes processos de Cooperação para o Desenvolvimento e ajuda-os a fazer melhores... ou a construir melhores projetos, para perceber melhor o mundo e onde estão envolvidos. Porque os projetos de Cooperação para o Desenvolvimento, muitas vezes, também são de política externa e estas ferramentas de pensamento crítico, de perceber o que é Educação para o Desenvolvimento, o que é Cooperação para o Desenvolvimento, o que é Educação e Desenvolvimento, etc.... considero que dão ferramentas às pessoas envolvidas nestes projetos que são bastante úteis para a construção dos projetos. Até mesmo algumas características que são utilizadas na dinamização de ações de Educação para o Desenvolvimento (a questão da participação, etc.) permitem dar outras ferramentas a quem está envolvido na construção destes projetos. Entrevistado da IES 1

Eu acho que a ED chama a atenção para as interdependências entre o “Norte” e o “Sul”, o centro e periferia. Acho que a ED tem um bocadinho este papel. Acho que termos cidadãos e cidadãs conscientes das desigualdades, das injustiças e como há aqui realmente interdependências e que as coisas são assim não simplesmente porque há povos que estão num patamar de desenvolvimento e nós estamos num mais à frente e que depende do esforço e da educação... É importante que as pessoas pensem porque é que existem estes desequilíbrios, estes abismos, estas desigualdades. E o facto de haver cidadãos e cidadãs conscientes, eu penso que, por um lado, legitima a cooperação, não qualquer iniciativa e projeto de cooperação, mas alguns que de facto empoderem os povos irmãos. Entrevistada da OSC 2

Também no caso de entrevistados dos dois tipos de instituições é considerada a relação entre ED e a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida em países “em vias de desenvolvimento”. A última é vista como forma de permitir a operacionalização do conceito de ED e dos seus objetivos, sendo destacado que não pode ser ignorado o retorno económico que o próprio conceito de ED pressupõe.

2.2.2. Relevância da prática da ED nas instituições

Relativamente ao lugar que a ED ocupa nas instituições entrevistadas, podem desde logo evidenciar-se posturas distintas entre OSC e IES. No caso das primeiras, a ED faz-se sentir em termos concretos ao nível dos projetos que desenvolvem. Assim, num dos casos, é referido que ações e iniciativas pontuais de ED marcam toda a história da instituição, ou seja, a reflexão crítica sobre o que é desenvolvimento, o que consumimos e produzimos, como nos organizamos enquanto sociedade. Aliás, a procura de novos modelos de vida em sociedade está mesmo presente nos estatutos da instituição. Numa outra OSC entrevistada, a presença da ED coincide, cronologicamente, com o período de profissionalização da organização, altura em que a reflexão sobre a missão da mesma acabou por conduzir a uma redefinição do conceito de ED e à articulação desta com a Cooperação para o Desenvolvimento, que se mantém até hoje, quer ao nível dos projetos, quer ao nível da investigação. Numa terceira OSC entrevistada, o impacto da ED no seu trabalho quotidiano faz-se sentir na sensibilização do Conselho de Administração, da Direção e dos colaboradores.

No trabalho quotidiano [o impacto da ED acontece] ao nível da sensibilização do Conselho de Administração, que está sempre a par do trabalho que vai sendo desenvolvido, com reuniões de reporte mensal que, no fundo, acabam também por ser ações de sensibilização. Portanto, o Conselho de Administração, a nossa Direção, até os próprios colaboradores, tiveram mais contacto com a temática depois de eu voltar a integrar o Grupo de ED, depois de voltarmos a fazer atividades aqui na OSC 3. (...) As pessoas perguntam, têm interesse, veem um folheto, questionam; coloca-se uma notícia no site e acabam por ter mais contacto com a temática. Entrevistada da OSC 3

No que diz respeito às IES, a ED marca presença, antes de mais, naquela que é a oferta formativa das instituições. Aliás, é considerado que em qualquer IES o conceito de ED tem um lugar relevante, uma vez que permite uma compreensão crítica dos fenómenos globais, das interdependências e das assimetrias do mundo. Além disso, assumindo a ED como sendo a combinação do pensamento crítico com a ação, ela torna-se preponderante nas IES e no papel que elas têm na formação de jovens. E este papel é ainda mais relevante no caso das instituições que trabalham na formação de professores/as e que geram assim um efeito multiplicador da influência da ED, que chega não só a esses jovens e futuros professores/as, como a todos aqueles que venham a ser seus alunos. Neste sentido, uma das IES entrevistadas reconhece um acentuado impacto da ED na sua instituição. Neste caso concreto, a ED acaba por ser um elemento definidor da própria instituição, funcionando como linha orientadora da mesma. Assim, a presença da ED nesta organização é fulcral, e nos mais diversos domínios –

nos cursos/formação, nos projetos de investigação, no campo da ligação com a comunidade e ainda no campo do empreendedorismo.

[O conceito de ED] é definidor da própria instituição. É orientador. Tem um sentido programático da própria instituição. (...) A ED é fundamental em todos os campos da instituição. No campo dos cursos em si, no campo da formação. No campo dos próprios projetos, da investigação. E igualmente no campo da ligação com a comunidade, naquilo que se chama extensão universitária. E neste campo novo do empreendedorismo. No próprio marketing [da instituição] está “uma universidade para o desenvolvimento”. Entrevistada da IES 2

Todavia, com exceção deste último caso descrito, a avaliação do impacto da ED nas outras duas IES e nas OSC é algo comedida. Assim, e considerando as restantes duas IES, estas afirmam que, em termos práticos, o impacto da ED é reduzido. Na verdade, um dos entrevistados reconhece a existência, na sua instituição, de pessoas que trabalham as questões relacionadas com a ED, mas que o fazem numa lógica bastante distante desta noção de ED enquanto promotora de uma compreensão crítica dos fenómenos globais. A ED é vista como estando presente, mas de forma oculta. O mesmo acontece no caso da outra IES entrevistada, no âmbito da qual se fala de um reduzido impacto real da ED na instituição, mas de um elevado impacto potencial. Ou seja, no caso concreto desta instituição, a entrevistada considera que neste momento se assistem a algumas mudanças na formação de professores, no sentido de uma desvalorização e de uma diminuição do espaço dedicado a todas as áreas de formação que não sejam consideradas áreas de formação estritamente científicas (impacto real reduzido). Neste sentido, é salientada a necessidade da instituição definir e clarificar, interna e externamente, o perfil de competências que um estudante que termina a formação oferecida pela escola deve ter. Torna-se, por isso, necessária uma reflexão sobre o modo como os alunos poderão vir a ser cidadãos e profissionais atentos, críticos, intervenientes, percebendo as questões complexas do mundo atual. Tal implica perceber se a instituição está a atuar nesse sentido e se os docentes e as unidades curriculares que estes têm a seu cargo estão a contribuir para isso. E, a este nível, é atribuído à ED um papel importante na estratégia de definição e de reestruturação das formações da escola, sobretudo na área da educação (impacto potencial elevado).

Eu sei que há pessoas que trabalham, mas, muitas vezes, o que estão a falar de ED nem tem a ver com a polissemia do termo, tem a ver com um entendimento errado do que é ED. (...) Por isso é que eu atribuo baixos valores à relevância da ED. No entanto, acho que estas questões estão todas latentes na instituição. Nos termos em que nós estamos a falar aqui, eu acho que a ED não é considerada relevante. Há com certeza embriões e pequenos focos onde a ED poderia ter mais relevância se fosse trabalhada enquanto ED, esta compreensão crítica dos fenómenos globais. Entrevistado da IES 1

No que respeita às OSC entrevistadas, o impacto da ED nas instituições é também considerado, em termos gerais, reduzido, ainda que por razões diferenciadas. Com efeito, num dos casos, o parco impacto relaciona-se com as limitações que a instituição encontra no quotidiano, nomeadamente o facto de ter uma equipa pequena e a dificuldade de acesso a financiamentos

que permitam que haja profissionais a trabalhar nesta área. Assim, a instituição reconhece que a ED, tal como outras áreas de intervenção, merecia muito mais atenção e muito mais espaço na organização. Num outro caso, o reduzido impacto da ED na instituição advém do facto de esta não se rever no conceito tradicional de ED (cfr. com visão crítica acerca da ED apresentada no subponto anterior). Ao adotar um conceito mais amplo e, no seu entender mais político – o de “sensibilização para o desenvolvimento” - a instituição reconhece que o impacto deste é maior, influenciando e enformando o seu comportamento, a forma como os seus profissionais se relacionam e os projetos que desenvolvem.

2.2.3. Influência da ED nas instituições

No que respeita à influência da ED nas instituições, nas entrevistas realizadas percebe-se que no caso das IES esta é, sobretudo uma influência ao nível estratégico, e de orientação. Ou seja, ao nível dos programas de ensino e da ligação com outras universidades, através de projetos de investigação e na aposta na internacionalização. Mais uma vez é realçada a diferença entre a influência real e a influência potencial da ED neste tipo de instituições, sendo a primeira substancialmente menor que a última. Com efeito, é reconhecido que há ainda muito a fazer para aumentar e potenciar a influência da ED nestas organizações. Por exemplo, o número de professores envolvidos mais diretamente nestas temáticas é ainda limitado, embora tenha havido um conjunto de ações no sentido de o aumentar. Mas, de forma inequívoca, é considerado que a este nível há uma margem muito grande para trabalhar e evoluir, quer em termos do número de professores envolvidos, quer em termos da qualidade do seu trabalho e da forma como esta temática é apropriada pelos professores e depois traduzida na sua ação pedagógica. Por outro lado, são referidos os vários obstáculos associados a esse trabalho, como a compartimentação que ainda se vive nas instituições de ensino, isto é, a pertença de um professor a um grupo determinado, com culturas profissionais próprias, em relação ao qual é complexo libertar-se.

Há muita coisa que falta fazer. Algumas das coisas que eu afirmei não estão de maneira nenhuma generalizadas. (...) Aqui há uma enorme margem para trabalhar (...) em termos quantitativos, mas também em termos da qualidade do seu trabalho, de que maneira é que esta temática é apropriada pelos professores e é traduzida depois na sua ação pedagógica, no ensino. Aí há, quer do ponto de vista quantitativo, quer do ponto de vista qualitativo, muita coisa para fazer, mas também há muitos obstáculos. Entrevistada da IES 3

Já no caso das OSC, a influência faz-se sentir essencialmente a nível prático, no trabalho de temáticas específicas, como sejam a dos direitos humanos, a da participação cívica ou a do combate à desigualdade social. Paralelamente, a influência da ED nestas instituições reflete-se no trabalho quotidiano dos seus profissionais, através dos projetos que desenvolvem e, no caso concreto de uma instituição, através do trabalho de sensibilização junto da administração.

ANEXOS



Uma iniciativa:



Apoio:



ANEXO A: VERSÃO FINAL DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO



Bem-vindo!

No âmbito do projeto “Sinergias ED: Conhecer para melhor Agir – promoção da investigação sobre ação em ED em Portugal”, gostaríamos de pedir a sua colaboração num estudo que estamos a realizar sobre perceções e relevância da Educação para o Desenvolvimento (ED).

Com este estudo, pretende-se fazer uma auscultação a diferentes atores, no sentido de criar a primeira base de perceções sobre ED e a relevância que lhe é atribuída. A sistematização destes dados será um contributo relevante para o conhecimento da ED em Portugal.

Para tal, gostaríamos que respondesse individualmente ao inquérito que seguidamente se apresenta. Realçamos que poderá responder a este diagnóstico mais do que uma pessoa da sua instituição que trabalhe em ED (mas sempre individualmente, não deverão ser dadas respostas em grupo). Não existem respostas certas ou erradas, estamos interessados na sua opinião mais real e honesta.

Todas as respostas e dados recolhidos são confidenciais e serão tratados apenas pela equipa do estudo e para o fim exclusivo a que se destinam. Garantimos a confidencialidade total dos dados.

Desde já agradecemos a sua colaboração, que será muito importante para o nosso estudo.

1) Aceita participar no estudo e responder às questões que se seguem?*

Sim

Não

Dados Sociodemográficos

2) Idade:* _____

3) Sexo:*

Feminino

Masculino

4) Naturalidade:*

Cidade: _____

Distrito: _____

5) Escolaridade:*

1º ciclo do Ensino Básico

2º ciclo do Ensino Básico

3º ciclo do Ensino Básico

Ensino Secundário

Curso Profissional

Curso de Especialização Tecnológica

Ensino Superior – Licenciatura

Ensino Superior – Mestrado

Doutoramento

Outra. Qual?: _____

Dados sobre atividade Profissional

6) Nome da instituição em que trabalha atualmente:

(realçamos que a confidencialidade dos dados será garantida)

7) Tipo de instituição:*

Associação juvenil

Organização Não-Governamental

Instituição do Ensino Superior

Núcleo de investigação

Outra. Qual?: _____

8) Por favor, indique a localidade onde se encontra a sua instituição:*

Cidade: _____

Distrito: _____

9) Cargo que ocupa na instituição onde trabalha:* _____

10) Há quanto tempo trabalha na instituição?

(Pode indicar apenas o número de anos ou o número de meses. Por exemplo, se trabalha na instituição há aproximadamente 7 anos, pode preencher apenas a caixa destinada aos anos com "7"; se trabalha na instituição há menos de 1 ano, pode indicar apenas o nº de meses na caixa correspondente).*

Anos: _____

Meses: _____

11) Há quanto tempo ocupa o cargo atual?

(Pode indicar apenas o número de anos ou o número de meses. Por exemplo, se ocupa o cargo há aproximadamente 7 anos, pode preencher apenas a caixa destinada aos anos com "7"; se ocupa o cargo há menos de 1 ano, pode indicar apenas o nº de meses na caixa correspondente).*

Anos: _____

Meses: _____

1. A Educação para o Desenvolvimento

12) Conhece o conceito de Educação para o Desenvolvimento?*

Sim

Não

13) Se sim, em que contexto conheceu?*

Académico

Profissional

Associativo

Familiar

- () Lazer
- () Meios de comunicação social
- () Outro. Qual?: _____

14) Está familiarizado/a com a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED)?*

- () Sim
- () Não

15) A ENED teve impacto na sua instituição?*

- () Sim
- () Não

16) Se SIM, a que níveis? (Pode assinalar mais do que uma opção):*

- Concetual
- Estratégico
- Prática
- Outro. Qual?: _____

2. Relevância e influência das temáticas de ED

2.1. Qual a relevância que atribui à Educação para o Desenvolvimento, no âmbito do trabalho da sua instituição?

Para responder, deve assinalar um número de 1 a 6 (inclusive) que melhor representa a sua opinião, sendo que 1 significa “Irrelevante” e 6 significa “Muito Relevante”. Assim, **quanto mais relevante considerar uma informação, mais elevado deverá ser o número** que escolhe; e **quanto mais irrelevante considerar uma afirmação, menor deverá ser esse número**.

17) Impacto no processo de decisão*

Irrelevante 1 2 3 4 5 6 Muito Relevante

18) Impacto na análise e reflexão crítica de outros projetos/atividades*

Irrelevante 1 2 3 4 5 6 Muito Relevante

19) Impacto na ação dos profissionais*

Irrelevante 1 2 3 4 5 6 Muito Relevante

20) Impacto na missão da instituição*

Irrelevante 1 2 3 4 5 6 Muito Relevante

21) Impacto nas relações estabelecidas com outras organizações/entidades*

Irrelevante 1 2 3 4 5 6 Muito Relevante

22) Impacto na percepção do mundo e/ou do(s) outro(s)*

Irrelevante 1 2 3 4 5 6 Muito Relevante

2.2. No âmbito do trabalho na sua instituição, indique que influência tem a ED nos assuntos abordados em baixo.

Para responder, deve assinalar um número de 1 a 6 (inclusive) que melhor representa a sua opinião, sendo que 1 significa “Nenhuma influência” e 6 significa “Muita influência”.

23) Nos conhecimentos e compreensão sobre os Direitos Humanos*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

24) No desenvolvimento de competências de trabalho colaborativo*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

25) Nos conhecimentos e compreensão sobre o papel e funcionamento do sistema político e democrático*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

26) Nos conhecimentos e compreensão sobre os direitos e deveres cívicos dos cidadãos*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

27) Nas competências pessoais e sociais para a participação cívica*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

28) Na defesa de causas sociais/políticas*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

29) No conhecimento e reconhecimento dos problemas locais e globais*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

30) Na predisposição para valores como a justiça social, a equidade, a inclusão e a solidariedade*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

31) Na responsabilidade social e ambiental*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

32) Nas atitudes de combate à exclusão, desigualdades e discriminação*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

33) Na compreensão da responsabilidade de cada um perante os ODM (Objectivos de Desenvolvimento do Milénio)*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

34) Na compreensão da importância de pensar a agenda pós-2015 sobre os ODM (Objectivos de Desenvolvimento do Milénio).*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

35) No desenvolvimento da autoestima, autoconfiança, respeito próprio e respeito pelos outros*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

36) No envolvimento proativo e consciente dos cidadãos nos processos de tomada de decisão*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

37) No desenvolvimento de visões, estratégias e propostas concretas de mudança*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

38) No questionamento sobre o estado atual do mundo*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

39) No questionamento e influência sobre as políticas públicas*

Nenhuma influência 1 2 3 4 5 6 Muita influência

3. Percepções

Pedimos-lhe agora que nos diga quanto concorda com cada uma das afirmações sobre ED apresentadas de seguida.

Para responder, deve mais uma vez assinalar um número de 1 a 6 (inclusive) que melhor representa a sua opinião, sendo que 1 significa “Discordo totalmente” e 6 significa “Concordo totalmente”. Assim, quanto mais concordar com uma afirmação, mais elevado deverá ser o

número que lhe atribui; e quanto mais discordar com uma afirmação, menor deverá ser esse número.

3.1. Tendo em conta O QUE PENSA sobre ED, quanto concorda com as seguintes frases:

40) A ED é um processo educativo de aprendizagem, formação, informação e ação.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

41) A ED tem como propósito o incentivo do conhecimento mútuo e da auto-consciencialização coletiva.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

42) A ED tem como objetivo educar os cidadãos sobre a justiça social e o desenvolvimento sustentável.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

43) A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

44) A ED contribui para enriquecer os conceitos e práticas da educação formal e não-formal.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

45) A ED tem como foco central as questões de género.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

46) A ED não se distingue das outras “Educações para...”.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

47) A ED, enquanto aprendizagem transformativa, implica processos de tomada de decisão participativos.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

48) A ED deve potenciar um ambiente de ensino diretivo, no sentido de conseguir melhores resultados na sua ação.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

49) A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

3.2. Tendo agora em conta as PRÁTICAS de ED que conhece, quanto concorda com as seguintes afirmações?

50) A ED ajuda-nos a compreender os problemas do mundo globalizado.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

51) A ED ajuda a conectar perspectivas locais e globais, para um desenvolvimento holístico e complexo.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

52) A ED ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

53) A ED permite o desenvolvimento de conhecimentos, competências, valores e atitudes para um mundo mais justo e sustentável.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

54) A ED reforça a divisão do mundo entre “norte desenvolvido/rico” e “sul subdesenvolvido/pobre”.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

55) A ED usa uma só metodologia de trabalho.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

56) A ED promove uma abordagem multidisciplinar e micro/macro da realidade social.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

57) A ED reforça a consciencialização das injustiças e desigualdades.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

58) A ED reforça uma visão eurocêntrica do mundo.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

59) As práticas de ED são coerentes com os valores que a ED veicula.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

60) A ED potencia nos cidadãos o desenvolvimento de alternativas na tomada de decisão acerca da vida individual e pública, ao tomarem em consideração as consequências das suas escolhas.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

61) A ED promove a participação social no sentido de construir um mundo mais justo e igualitário.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

62) A ED potencia o diálogo democrático entre todos os atores envolvidos no processo de aprendizagem.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

63) A ED potencia o desenvolvimento de competências de análise e reflexão crítica.

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

64) A ED promove valores como a responsabilidade social e ambiental e a pertença comunitária proativa e participativa.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

65) A ED sensibiliza a partir da culpabilização.*

Discordo Totalmente 1 2 3 4 5 6 Concordo totalmente

4) Ideias adicionais

Que outras ideias tem sobre ED para além das que foram apresentadas?

Nesta secção poderá escrever até três novas ideias que não tenham sido contempladas na lista anterior (questão facultativa). Por favor, escreva apenas uma ideia em cada espaço disponível.

Por exemplo, no espaço abaixo com o título “Ideia 1”, escreva apenas uma ideia que gostasse de adicionar à lista anterior, e o mesmo nos espaços “Ideia 2” e “Ideia 3”.

Se não desejar acrescentar nenhuma ideia, basta clicar no botão continuar.

66) Ideia 1

67) Ideia 2

68) Ideia 3

Terminou a sua participação neste inquérito.

Se desejar deixar-nos alguma sugestão e/ou comentário, poderá escrevê-los nas linhas abaixo:

Se desejar ser contactado e receber os resultados deste estudo em primeira mão, deixe-nos o seu email no espaço abaixo.

Quando terminar, por favor clique em "Submeter".

Obrigado!

Muito obrigado pela sua colaboração! A sua resposta é muito importante para nós.

Se desejar contactar-nos, poderá fazê-lo através do e-mail: sinergias.ed@gmail.com

ANEXO B: RESULTADOS DO INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO ONLINE**1. Dados sociodemográficos**

Responderam a este inquérito (na sua totalidade) 100 participantes, 30 do sexo masculino (30%) e 70 do sexo feminino (70%), com uma média de idades $M = 41,38$ ($DP = 11,77$).

1.1. Naturalidade

A grande maioria dos participantes são naturais dos distritos de Lisboa (37%) e do Porto (18%), distribuindo-se os restantes da seguinte forma:

	Frequência	%	% cumulativa
Lisboa	37	37.0	37.0
Porto	18	18.0	55.0
Leiria	3	3.0	58.0
Castelo Branco	3	3.0	61.0
Viana do Castelo	3	3.0	64.0
Braga	5	5.0	69.0
Bragança	4	4.0	73.0
Aveiro	5	5.0	78.0
Beja	1	1.0	79.0
Guarda	5	5.0	84.0
Coimbra	1	1.0	85.0
Santarém	4	4.0	89.0
Setúbal	2	2.0	91.0
Estrangeiro	8	8.0	99.0
Viseu	1	1.0	100.0
Total	100	100.0	

1.2. Escolaridade

Relativamente à escolaridade, a grande maioria dos participantes (70%) tem o Ensino Superior - apenas 2 participantes indicaram ter menos (um indicou o Ensino Secundário, e o outro Ensino de Especialização Tecnológica). Um (1) indicou ter o “título de especialista”.

	Frequência	%	% cumulativa
< E. Superior	2	2.0	2.0
E. Superior	70	70.0	72.0
Doutoramento	27	27.0	99.0
outro	1	1.0	100.0
Total	100	100.0	

2. Dados sobre atividade Profissional

2.1. Tipo de instituição

A maioria dos participantes indicou trabalhar ou numa ONG (44%) ou numa Instituição do Ensino Superior (34%). Entre os 6 participantes que indicaram “outro” tipo de instituição que não os listados, 1 indica trabalhar num “projeto de voluntariado internacional,” 1 refere “empresas e cooperativas”, 1 refere “organizações governamentais e não governamentais”, 1 indica “associação de professores”, e 2 indicam “escola secundaria”.

	Frequência	%	% cumulativa
Ensino Superior	34	34.0	31.0
ONG	44	44.0	75.0
Associação Juvenil	4	4.0	82.0
Instituição Pública	9	9.0	91.0
Eclesiástica/Missionária	3	3.0	94.0
Outra	6	6.0	100.0
Total	100	100.0	

2.2. Distrito das instituições

A maioria dos participantes trabalha em instituições no distrito de Lisboa (55%), e de seguida em organizações no distrito do Porto (14%).

Distrito	Frequência	%	% cumulativa
Lisboa	55	55.0	55.0
Porto	14	14.0	69.0
Leiria	3	3.0	72.0
Castelo Branco	5	5.0	77.0
Viana do Castelo	4	4.0	81.0
Braga	4	4.0	85.0
Bragança	5	5.0	90.0
Aveiro	4	4.0	94.0
Beja	1	1.0	95.0
Guarda	1	1.0	96.0
Santarém	1	1.0	97.0
Setúbal	1	1.0	98.0
Estrangeiro	2	2.0	100.0
Total	100	100.0	

2.3. Tempo a que trabalha na instituição

A média de tempo a que os participantes indicaram trabalhar nas suas organizações foi de $M = 118,28$ meses ($DP = 109,72$) – ou seja, aproximadamente 10 anos. No entanto, há uma grande dispersão nos dados, sendo o mínimo de tempo indicado por um participante 2 meses, e o máximo 383 meses (i.e., aproximadamente 32 anos).

	N participantes	Mínimo	Máximo	Média	Desvio-padrão
Meses	100	2	383	118.28	109.719

3. A ED

3.1. Conhece o conceito de Educação para o Desenvolvimento?

Apenas 1 participante indicou não conhecer o conceito, tendo desses 99 a maioria indicado que conheceu o conceito em contexto profissional (57,6%) ou académico (25,3%).

	Frequência	%	% cumulativa
sim	99	99.0	99.0
não	1	1.0	100.0
Total	100	100.0	

3.1.1. Contexto em que conheceu ED:

	Frequência	%	% cumulativa
profissional	57	57.6	57.6
académico	25	25.3	82.8
associativo	9	9.1	91.9
outro	8	8.1	100.0
Total	99	100.0	

3.2. Está familiarizado/a com a Estratégia Nacional de Educação para o Desenvolvimento (ENED)?

Relativamente a conhecerem a ENED, já 25 participantes (25%) indicaram não estar familiarizados com a estratégia.

	Frequência	%	% cumulativa
sim	75	75.0	75.0
não	25	25.0	100.0
Total	100	100.0	

3.3. A ENED teve impacto na sua instituição?

Dos 75 participantes que indicaram estar familiarizados com ENED, 56 (74,7%) consideram que teve impacto na sua instituição.

Se SIM, a que níveis? (quantos participantes no total de 56 que reconheceu impacto da ENED na sua instituição)

Conceptual - 39 (69,6%)

Estratégico - 34 (60,7%)

Prático - 30 (53,6%)

Outro - 6 (10,7%), tendo um (1) participante indicado que o impacto foi “na prática de ensino supervisionada”; um (1) indicou que o impacto foi ao nível “formação no estrangeiro para ministrar junto da população portuguesa”; um (1) indicou impacto ao nível do “financiamento a terceiros (AI)”; dois (2) participantes indicaram impacto a nível “político”; e finalmente, um (1) indicou que “está a começar a ter impacto”.

3.3.1. Comparação entre as Instituições do Ensino Superior e as ONG

Considerando apenas as instituições do Ensino Superior ($n = 34$) e as ONG ($n = 44$), verificamos que os valores entre os dois tipos de instituições não variam consideravelmente: nos dois casos, a maioria dos participantes indica estar familiarizado com a ENED (71% e 75%, respetivamente).

Familiarizado com a ENED – Ensino Superior

	Frequência	%	% cumulativa
sim	24	70.6	70.6
não	10	29.4	100.0
Total	34	100.0	

Familiarizado com a ENED - ONG

	Frequência	%	% cumulativa
sim	33	75.0	75.0
não	11	25.0	100.0
Total	44	100.0	

Verifica-se que uma elevada proporção das ONG considera que a ENED teve impacto na sua instituição (79%), contra apenas 67% das instituições do Ensino Superior.

Impacto da ENED na instituição – Ensino Superior

	Frequência	%	% cumulativa
sim	16	66.7	66.7
não	8	33.3	100.0
Total	24	100.0	

Impacto da ENED na instituição - ONG

	Frequência	%	% cumulativa
sim	26	78.8	78.8
não	7	21.2	100.0
Total	33	100.0	

Se SIM, a que níveis?

	Ensino Superior	ONG
Conceptual -	10 (62,5%)	19 (73,1%)
Estratégico -	5 (31,3%)	21 (80,8%)
Prático -	10 (62,5%)	15 (57,7%)

4. Relevância e influência das temáticas de ED

4.1. Qual a relevância que atribui à Educação para o Desenvolvimento, no âmbito do trabalho da sua instituição?

Instruções no inquérito: “Para responder, deve assinalar um número de 1 a 6 (inclusive) que melhor representa a sua opinião, sendo que 1 significa “Totalmente Irrelevante” e 6 significa “Muito Relevante”. Assim, quanto mais relevante considerar uma informação, mais elevado deverá ser o número que escolhe; e quanto mais irrelevante considerar uma afirmação, menor deverá ser esse número.”

Na tabela abaixo apresentam-se os valores médios das respostas dados pelos participantes de cada tipo de instituição a cada um dos itens considerados nesta questão do inquérito. Analisando a média referente às respostas do total de participantes, verifica-se que a relevância atribuída a cada um dos itens é sempre $M > 4$ mas também $M < 5$, o que indica uma tendência para atribuir uma relevância moderada às questões de Educação para o Desenvolvimento consideradas nas afirmações avaliadas. Entre as seis afirmações apresentadas, aquela a que é atribuída uma maior relevância no âmbito do trabalho que as instituições dos participantes desenvolve é **“Impacto na percepção do mundo e/ou do(s) outro(s)”**. As afirmações às quais foi atribuída menor relevância são aquelas que reúnem menos consenso em termos das respostas dadas pelos participantes de cada tipo de instituição: **“Impacto no processo de decisão”** e **“Impacto na ação dos profissionais”**.

	Ensino Superior (n = 34)	ONG (n = 44)	Ass. Juvenil (n = 4)	Inst. Pública (n = 9)	Eclesiástica Missionária (n = 3)	Outro (n = 6)	Total (n = 100)
Impacto no processo de decisão	3,62 (1,26)	4,41 (1,47)	4,75 (0,50)	4,00 (1,12)	4,00 (1,00)	5,33 (0,82)	4,16 (1,36)
Impacto na análise e reflexão crítica de outros projetos/atividades	3,91 (1,38)	4,68 (1,25)	5,00 (0,82)	4,00 (1,12)	4,33 (1,16)	5,50 (0,84)	4,41 (1,31)
Impacto na ação dos profissionais	3,85 (1,44)	4,39 (1,24)	5,00 (0,00)	3,67 (1,23)	4,33 (1,16)	5,67 (0,52)	4,24 (1,33)

SINERGIAS ED: Conhecer para melhor Agir – promoção da investigação sobre a ação em ED em Portugal

Impacto na missão da instituição	4,09 (1,40)	4,57 (1,37)	5,25 (0,50)	4,11 (1,45)	4,67 (1,53)	5,50 (0,84)	4,45 (1,37)
Impacto nas relações estabelecidas com outras organizações/entidades	4,03 (1,40)	4,45 (1,19)	4,50 (0,58)	4,00 (1,50)	4,00 (1,00)	5,33 (0,52)	4,31 (1,27)
Impacto na perceção do mundo e/ou do(s) outro(s)	4.38 (1.23)	4.82 (1.24)	5.00 (0.00)	4.00 (1.32)	4.33 (1.16)	5.67 (0.82)	4.64 (1.24)

Analisando especificamente os valores médios (e desvios-padrão) das respostas dadas pelos participantes provenientes de ONG e pelos participantes provenientes de Instituições do Ensino Superior (ver a tabela abaixo), verifica-se que os dois tipos de instituições apenas diferem significativamente nos seguintes itens: **“Impacto no processo de decisão”** e **“Impacto na análise e reflexão crítica de outros projetos/atividades”**, apresentando ainda uma diferença marginalmente significativa ($p = 0,083$) no item **“Impacto na ação dos profissionais”**. Em todos os casos, os participantes provenientes de ONG apresentam valores médios mais elevados – ou seja, atribuem mais relevância à ED e ao seu impacto nos vários temas abordados do que os participantes provenientes das Instituições do Ensino Superior.

	Ensino Superior (<i>n</i> = 34)	ONG (<i>n</i> = 44)	Teste de diferenças
Impacto no processo de decisão	3,62 (1,26)	4,41 (1,47)	$F(1, 76) = 6,31$, $p = 0,014$
Impacto na análise e reflexão crítica de outros projetos/atividades	3,91 (1,38)	4,68 (1,25)	$F(1, 76) = 6,64$, $p = 0,012$
Impacto na ação dos profissionais	3,85 (1,44)	4,39 (1,24)	$F(1, 76) = 3,08$, $p = 0,083$
Impacto na missão da instituição	4,09 (1,40)	4,57 (1,37)	$p > 0,10$
Impacto nas relações estabelecidas com outras organizações/entidades	4,03 (1,40)	4,45 (1,19)	$p > 0,10$
Impacto na perceção do mundo e/ou do(s) outro(s)	4.38 (1.23)	4.82 (1.24)	$p > 0,10$

4.2. No âmbito do trabalho na sua instituição, indique que **influência** tem a ED nos assuntos abordados em baixo.

Instruções no inquérito: “Para responder, deve assinalar um número de 1 a 6 (inclusive) que melhor representa a sua opinião, sendo que 1 significa “Nenhuma influência” e 6 significa “Muita influência”.”

Olhando mais uma vez primeiro para a média das respostas de todos os participantes apresentados na tabela abaixo, novamente se verifica que todas as questões em torno da influência que a ED tem no trabalho desenvolvido pelas instituições dos participantes é apenas moderada. Assim, tal como na avaliação da relevância da ED no trabalho das instituições, a avaliação feita em cada um itens sobre a influência da ED é sempre $M > 4$ mas também $M < 5$. Assim, as afirmações em que a ED foi avaliada como exercendo mais influência são: **“Na predisposição para valores como a justiça social, a equidade, a inclusão e a solidariedade”** e **“Nas atitudes de combate à exclusão, desigualdades e discriminação”**; já as afirmações que refletem áreas em que a ED é avaliada como tendo menos influência são: **“Nos conhecimentos e compreensão sobre o papel e funcionamento do sistema político e democrático”** e **“No questionamento e influência sobre as políticas públicas”**.

	Ensino Superior (n = 34)	ONG (n = 44)	Ass. Juvenil (n = 4)	Inst. Pública (n = 9)	Eclesiástica Missionária (n = 3)	Outro (n = 6)	Total (n = 100)
Nos conhecimentos e compreensão sobre os Direitos Humanos	4.47 (1.121)	4.43 (1.35)	5.25 (0.50)	4.56 (1.01)	4.33 (1.53)	5.67 (0.52)	4.56 (1.24)
No desenvolvimento de competências de trabalho colaborativo	4.26 (1.16)	4.30 (1.36)	4.25 (0.96)	4.11 (1.36)	4.00 (1.00)	5.50 (0.84)	4.33 (1.26)
Nos conhecimentos e compreensão sobre o papel e funcionamento do sistema político e democrático	4.26 (0.93)	3.86 (1.34)	3.75 (0.96)	3.67 (1.41)	3.33 (0.58)	5.00 (0.89)	4.03 (1.19)
Nos conhecimentos e compreensão sobre os direitos e deveres cívicos dos cidadãos	4.38 (1.18)	4.27 (1.25)	4.50 (1.00)	4.33 (0.71)	4.00 (1.00)	5.33 (0.82)	4.38 (1.15)
Nas competências pessoais e sociais para a participação cívica	4.38 (1.13)	4.70 (1.13)	5.25 (0.96)	4.33 (0.50)	4.00 (1.00)	5.67 (0.52)	4.62 (1.09)
Na defesa de causas sociais/políticas	4.47 (1.24)	4.34 (1.35)	5.00 (0.82)	3.89 (0.93)	3.33 (0.58)	5.17 (0.75)	4.39 (1.24)

No conhecimento e reconhecimento dos problemas locais e globais	4.59 (1.05)	4.61 (1.21)	5.50 (0.58)	4.22 (0.97)	4.33 (1.16)	5.33 (0.82)	4.64 (1.11)
Na predisposição para valores como a justiça social, a equidade, a inclusão e a solidariedade	4.74 (1.11)	4.66 (1.22)	5.50 (1.00)	4.67 (0.50)	4.00 (1.00)	5.50 (0.55)	4.75 (1.10)
Na responsabilidade social e ambiental	4.47 (1.21)	4.23 (1.27)	4.50 (0.58)	4.11 (0.93)	3.67 (0.58)	5.50 (0.55)	4.37 (1.19)
Nas atitudes de combate à exclusão, desigualdades e discriminação	4.56 (1.24)	4.77 (1.20)	5.50 (0.58)	4.11 (1.05)	4.33 (0.58)	5.67 (0.52)	4.71 (1.18)
Na compreensão da responsabilidade de cada um perante os ODM	4.35 (1.23)	4.23 (1.33)	5.25 (1.50)	4.00 (0.87)	3.33 (0.58)	5.33 (0.82)	4.33 (1.26)
Na compreensão da importância de pensar a agenda pós-2015 sobre os ODM	4.12 (1.27)	4.34 (1.31)	4.50 (1.73)	4.44 (1.01)	3.33 (0.58)	5.17 (0.98)	4.30 (1.27)
No desenvolvimento da autoestima, autoconfiança, respeito próprio e respeito pelos outros	4.12 (1.07)	4.20 (1.37)	5.25 (0.96)	4.56 (0.88)	4.33 (1.53)	5.50 (0.55)	4.33 (1.22)
No envolvimento proativo e consciente dos cidadãos nos processos de tomada de decisão	4.26 (1.14)	4.41 (1.23)	4.25 (0.50)	4.11 (0.60)	4.00 (1.00)	5.33 (0.82)	4.37 (1.12)
No desenvolvimento de visões, estratégias e propostas concretas de mudança	4.09 (1.19)	4.55 (1.37)	5.25 (0.96)	4.33 (1.00)	3.67 (0.58)	5.17 (0.98)	4.41 (1.26)
No questionamento sobre o estado atual do mundo	4.56 (1.08)	4.64 (1.33)	6.00 (0.00)	4.44 (0.73)	3.33 (0.58)	5.17 (0.98)	4.64 (1.19)
No questionamento e influência sobre as políticas públicas	4.32 (1.01)	4.11 (1.21)	4.50 (0.58)	3.89 (1.27)	3.33 (0.58)	5.00 (0.89)	4.21 (1.11)

Tendo em conta os valores médios das respostas dos participantes dos dois tipos de instituições com maior relevância para o presente diagnóstico (IES e ONG), verifica-se que não diferem significativamente em nenhum dos temas avaliados (ver a tabela abaixo).

	Ensino Superior (n = 34)	ONG (n = 44)	Teste de diferenças
Nos conhecimentos e compreensão sobre os Direitos Humanos	4.47 (1.121)	4.43 (1.35)	$p > 0,10$
No desenvolvimento de competências de trabalho colaborativo	4.26 (1.16)	4.30 (1.36)	$p > 0,10$
Nos conhecimentos e compreensão sobre o papel e funcionamento do sistema político e democrático	4.26 (0.93)	3.86 (1.34)	$p > 0,10$
Nos conhecimentos e compreensão sobre os direitos e deveres cívicos dos cidadãos	4.38 (1.18)	4.27 (1.25)	$p > 0,10$
Nas competências pessoais e sociais para a participação cívica	4.38 (1.13)	4.70 (1.13)	$p > 0,10$
Na defesa de causas sociais/políticas	4.47 (1.24)	4.34 (1.35)	$p > 0,10$
No conhecimento e reconhecimento dos problemas locais e globais	4.59 (1.05)	4.61 (1.21)	$p > 0,10$
Na predisposição para valores como a justiça social, a equidade, a inclusão e a solidariedade	4.74 (1.11)	4.66 (1.22)	$p > 0,10$
Na responsabilidade social e ambiental	4.47 (1.21)	4.23 (1.27)	$p > 0,10$
Nas atitudes de combate à exclusão, desigualdades e discriminação	4.56 (1.24)	4.77 (1.20)	$p > 0,10$
Na compreensão da responsabilidade de cada um perante os ODM	4.35 (1.23)	4.23 (1.33)	$p > 0,10$
Na compreensão da importância de pensar a agenda pós-2015 sobre os ODM	4.12 (1.27)	4.34 (1.31)	$p > 0,10$
No desenvolvimento da autoestima, autoconfiança, respeito próprio e respeito pelos outros	4.12 (1.07)	4.20 (1.37)	$p > 0,10$
No envolvimento proativo e consciente dos cidadãos nos processos de tomada de decisão	4.26 (1.14)	4.41 (1.23)	$p > 0,10$
No desenvolvimento de visões, estratégias e propostas concretas de mudança	4.09 (1.19)	4.55 (1.37)	$p > 0,10$
No questionamento sobre o estado atual do mundo	4.56 (1.08)	4.64 (1.33)	$p > 0,10$

No questionamento e influência sobre as políticas públicas	4.32 (1.01)	4.11 (1.21)	$p > 0,10$
--	-------------	-------------	------------

5. Percepções

Pedimos-lhe agora que nos diga quanto concorda com cada uma das afirmações sobre ED apresentadas de seguida.

Instruções no inquérito: “Para responder, deve mais uma vez assinalar um número de 1 a 6 (inclusive) que melhor representa a sua opinião, sendo que 1 significa “Discordo totalmente” e 6 significa “Concordo totalmente”. Assim, quanto mais concordar com uma afirmação, mais elevado deverá ser o número que lhe atribui; e quanto mais discordar com uma afirmação, menor deverá ser esse número.”

5.1. Tendo em conta O QUE PENSA sobre ED, quanto concorda com as seguintes frases?

Tendo em conta as respostas do total de participantes em termos do seu grau de concordância com as afirmações apresentadas sobre ED, apresentadas na tabela que se segue, é visível que algumas das ideias reúnem maior concordância, apresentando valores médios de $M > 5$. Essas afirmações são “A ED é um processo educativo de aprendizagem, formação, informação e ação”, “A ED, enquanto aprendizagem transformativa, implica processos de tomada de decisão participativos” e “A ED contribui para enriquecer os conceitos e práticas da educação formal e não-formal”. Já as afirmações que reúnem menor concordância por parte dos participantes que responderam ao inquérito, estas são afirmações que traduzem ideias que, em princípio, são contrárias ao conceito de ED, como “A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento”, “A ED não se distingue das outras “Educações para...”, “A ED deve potenciar um ambiente de ensino diretivo, no sentido de conseguir melhores resultados na sua ação” e “A ED tem como foco central as questões de género”. Nas avaliações globais dos participantes, é ainda possível encontrar uma afirmação que com a qual os participantes parecem exibir um nível de concordância mais neutro – “A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta”.

	Ensino Superior (n=34)	ONG (n=44)	Ass. Juvenil (n=4)	Inst. Pública (n=9)	Eclesiástica Missionária (n=3)	Outro (n=6)	Total (n=100)
A ED é um processo educativo de aprendizagem, formação, informação e ação.	5.09 (0.87)	5.36 (0.84)	5.75 (0.50)	5.22 (0.67)	4.33 (1.53)	5.83 (0.41)	5.27 (0.85)

A ED tem como propósito o incentivo do conhecimento mútuo e da auto-consciencialização coletiva.	5,00 (1.02)	4.91 (0.88)	5.75 (0.50)	3.44 (0.88)	4.67 (1.53)	5.33 (0.52)	4.86 (1.03)
A ED tem como objetivo educar os cidadãos sobre a justiça social e o desenvolvimento sustentável.	5.18 (0.80)	4.45 (1.25)	5.00 (1.41)	3.78 (1.30)	4.00 (1.00)	5.50 (0.55)	4.71 (1.17)
A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento.	2.74 (1.46)	2.02 (1.32)	1.50 (0.58)	2.44 (1.13)	2.67 (1.58)	1.83 (0.98)	2.29 (1.35)
A ED contribui para enriquecer os conceitos e práticas da educação formal e não-formal.	5.18 (0.80)	5.05 (1.14)	5.50 (0.58)	4.56 (1.01)	4.33 (0.58)	5.50 (0.55)	5.07 (0.98)
A ED tem como foco central as questões de género.	3.41 (1.48)	2.30 (1.11)	2.25 (1.26)	2.33 (1.66)	2.33 (1.16)	3.00 (0.89)	2.72 (1.37)
A ED não se distingue das outras “Educações para...”.	2.62 (1.54)	2.39 (1.32)	2.25 (1.26)	2.22 (1.09)	2.67 (0.58)	2.33 (0.82)	2.45 (1.32)
A ED, enquanto aprendizagem transformativa, implica processos de tomada de decisão participativos.	5.32 (0.73)	5.32 (0.96)	4.25 (1.26)	4.22 (1.30)	4.33 (1.53)	5.67 (0.52)	5.17 (1,00)
A ED deve potenciar um ambiente de ensino diretivo, no sentido de conseguir melhores resultados na sua ação.	2.65 (1.87)	2.59 (1.65)	3.50 (2.08)	2.33 (1.23)	4.33 (1.16)	3.00 (1.27)	2.70 (1.69)
A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta	3.35 (1.32)	3.93 (1.47)	2.75 (1.50)	3.44 (1.33)	3.67 (0.58)	3.50 (1.23)	3.61 (1.39)

No que diz respeito à comparação das respostas dadas pelos participantes provenientes de IES e de ONG, da observação da tabela abaixo pode verifica-se que os dois tipos de instituições apenas diferem significativamente nos seguintes itens: **“A ED tem como objetivo educar os cidadãos sobre a justiça social e o desenvolvimento sustentável”**; **“A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento”**; e **“A ED tem como foco central as questões de género”**. Em todos estes casos, os participantes

provenientes das Instituições do Ensino Superior apresentam valores médios de concordância com as afirmações mais elevados do que os participantes provenientes de ONG. Os dois tipos de participantes apresentam ainda uma diferença marginalmente significativa ($p = 0,076$) no item “**A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta**”, sendo que neste caso são as ONG que apresentam maior concordância com a afirmação.

	Ensino Superior ($n = 34$)	ONG ($n = 44$)	Teste de diferenças
A ED é um processo educativo de aprendizagem, formação, informação e ação.	5.09 (0.87)	5.36 (0.84)	$p > 0,10$
A ED tem como propósito o incentivo do conhecimento mútuo e da auto-consciencialização coletiva.	5,00 (1.02)	4.91 (0.88)	$p > 0,10$
A ED tem como objetivo educar os cidadãos sobre a justiça social e o desenvolvimento sustentável.	5.18 (0.80)	4.45 (1.25)	$F(1, 76) = 8,65,$ $p = 0,04$
A ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento.	2.74 (1.46)	2.02 (1.32)	$F(1, 76) = 5,08$ $p = 0,027$
A ED contribui para enriquecer os conceitos e práticas da educação formal e não-formal.	5.18 (0.80)	5.05 (1.14)	$p > 0,10$
A ED tem como foco central as questões de género.	3.41 (1.48)	2.30 (1.11)	$F(1, 76) = 14,49,$ $p < 0,001$
A ED não se distingue das outras “Educações para...”.	2.62 (1.54)	2.39 (1.32)	$p > 0,10$
A ED, enquanto aprendizagem transformativa, implica processos de tomada de decisão participativos.	5.32 (0.73)	5.32 (0.96)	$p > 0,10$
A ED deve potenciar um ambiente de ensino diretivo, no sentido de conseguir melhores resultados na sua ação.	2.65 (1.87)	2.59 (1.65)	$p > 0,10$
A ED tem sempre de conduzir a uma ação concreta	3.35 (1.32)	3.93 (1.47)	$F(1, 76) = 3,24,$ $p = 0,076$

5.2. Tendo agora em conta as PRÁTICAS de ED que conhece, quanto concorda com as seguintes afirmações?

Considerando o total de participantes, também no que diz respeito às afirmações sobre as práticas de ED, alguns dos itens reúnem claramente mais concordância do que outros. Assim, as afirmações com as quais os participantes mais concordaram (todas com $M > 5,15$) são: “**A ED permite o desenvolvimento de conhecimentos, competências, valores e atitudes para um**

mundo mais justo e sustentável”, “A ED promove a participação social no sentido de construir um mundo mais justo e igualitário” e “A ED reforça a consciencialização das injustiças e desigualdades”. Também neste conjunto de afirmações, aquelas que reúnem menor concordância por parte dos participantes são afirmações que traduzem ideias que, em princípio, são contrárias ao conceito de ED, como: “A ED sensibiliza a partir da culpabilização”, “A ED usa uma só metodologia de trabalho”, “A ED reforça uma visão eurocêntrica do mundo” e “A ED reforça a divisão do mundo entre “norte desenvolvido/rico” e “sul subdesenvolvido/pobre”, sendo que baixo nível de concordância é transversal a todos os grupos de participantes.

	Ensino Superior (n=34)	ONG (n=44)	Ass. Juvenil (n=4)	Inst. Pública (n=9)	Eclesiástica Missionária (n=3)	Outro (n=6)	Total (n=100)
A ED ajuda-nos a compreender os problemas do mundo globalizado.	5,29 (0,72)	5,14 (0,98)	5,75 (0,50)	4,56 (1,24)	3,33 (1,53)	5,67 (0,82)	5,14 (0,99)
A ED ajuda a conectar perspetivas locais e globais, para um desenvolvimento holístico e complexo.	5,03 (0,80)	5,07 (1,07)	5,25 (0,96)	3,78 (1,48)	4,33 (1,16)	4,83 (0,98)	4,91 (1,07)
A ED ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento.	4,65 (0,98)	3,95 (1,52)	3,50 (0,58)	3,89 (1,36)	4,67 (1,16)	4,67 (1,37)	4,23 (1,33)
A ED permite o desenvolvimento de conhecimentos, competências, valores e atitudes para um mundo mais justo e sustentável.	5,21 (0,77)	5,39 (0,87)	5,50 (0,58)	5,11 (0,78)	4,33 (1,53)	5,83 (0,41)	5,30 (0,84)
A ED reforça a divisão do mundo entre “norte desenvolvido/rico” e “sul subdesenvolvido/pobre”.	1,71 (1,00)	2,09 (1,34)	2,25 (1,50)	1,78 (1,09)	1,67 (1,16)	1,83 (0,75)	1,91 (1,17)
A ED usa uma só metodologia de trabalho.	1,71 (1,12)	1,48 (0,82)	1,50 (0,58)	1,56 (1,13)	2,33 (0,58)	1,00 (0,00)	1,56 (0,94)
A ED promove uma abordagem multidisciplinar e micro/macro da realidade social.	5,03 (0,80)	4,89 (0,97)	5,00 (0,82)	4,44 (0,73)	4,33 (1,16)	5,67 (0,52)	4,93 (0,89)

A ED reforça a consciencialização das injustiças e desigualdades.	5,29 (0,68)	5,11 (0,92)	5,50 (0,58)	4,44 (1,59)	4,33 (1,16)	5,83 (0,41)	5,15 (0,94)
A ED reforça uma visão eurocêntrica do mundo.	1,71 (1,03)	2,00 (1,18)	2,00 (1,41)	1,67 (1,32)	2,33 (1,16)	1,17 (0,41)	1,83 (1,12)
As práticas de ED são coerentes com os valores que a ED veicula.	4,41 (1,08)	4,36 (1,26)	5,25 (0,96)	4,11 (0,93)	4,33 (1,16)	5,00 (0,89)	4,43 (1,14)
A ED potencia nos cidadãos o desenvolvimento de alternativas na tomada de decisão acerca da vida individual e pública, ao tomarem em consideração as consequências das suas escolhas.	4,94 (0,85)	4,98 (0,85)	4,25 (1,71)	4,33 (1,12)	4,33 (1,16)	5,33 (1,03)	4,88 (0,95)
A ED promove a participação social no sentido de construir um mundo mais justo e igualitário.	5,12 (0,73)	5,20 (0,93)	5,50 (0,58)	5,11 (0,93)	4,33 (1,53)	5,83 (0,41)	5,19 (0,86)
A ED potencia o diálogo democrático entre todos os atores envolvidos no processo de aprendizagem.	4,97 (0,76)	5,02 (1,13)	5,25 (0,50)	4,78 (0,83)	3,67 (0,58)	5,67 (0,52)	4,99 (0,96)
A ED potencia o desenvolvimento de competências de análise e reflexão crítica.	5,00 (1,13)	5,05 (1,03)	5,50 (0,58)	4,78 (1,20)	4,33 (1,53)	5,67 (0,52)	5,04 (1,06)
A ED promove valores como a responsabilidade social e ambiental e a pertença comunitária proativa e participativa.	5,15 (0,70)	5,00 (1,01)	5,00 (1,41)	4,67 (0,71)	3,67 (1,16)	5,83 (0,41)	5,03 (0,93)
A ED sensibiliza a partir da culpabilização.	1,65 (1,04)	1,43 (0,82)	1,50 (1,00)	1,56 (0,73)	2,00 (1,00)	1,50 (0,55)	1,54 (0,88)

Especificando novamente a análise dos resultados com a comparação das respostas dadas pelos participantes que trabalham em IES e aqueles que trabalham em ONG, verifica-se que os dois tipos de instituições apenas diferem significativamente apenas no item: “**A ED ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento**”, com os

participantes provenientes das Instituições do Ensino Superior a apresentarem uma concordância mais elevada do que os participantes provenientes de ONG (ver a tabela abaixo).

	Ensino Superior (n = 34)	ONG (n = 44)	Teste de diferenças
A ED ajuda-nos a compreender os problemas do mundo globalizado.	5,29 (0,72)	5,14 (0,98)	$p > 0,10$
A ED ajuda a conectar perspetivas locais e globais, para um desenvolvimento holístico e complexo.	5,03 (0,80)	5,07 (1,07)	$p > 0,10$
A ED ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento.	4,65 (0,98)	3,95 (1,52)	$F(1, 76) = 5,31,$ $p = 0,024$
A ED permite o desenvolvimento de conhecimentos, competências, valores e atitudes para um mundo mais justo e sustentável.	5,21 (0,77)	5,39 (0,87)	$p > 0,10$
A ED reforça a divisão do mundo entre “norte desenvolvido/rico” e “sul subdesenvolvido/pobre”.	1,71 (1,00)	2,09 (1,34)	$p > 0,10$
A ED usa uma só metodologia de trabalho.	1,71 (1,12)	1,48 (0,82)	$p > 0,10$
A ED promove uma abordagem multidisciplinar e micro/macro da realidade social.	5,03 (0,80)	4,89 (0,97)	$p > 0,10$
A ED reforça a consciencialização das injustiças e desigualdades.	5,29 (0,68)	5,11 (0,92)	$p > 0,10$
A ED reforça uma visão eurocêntrica do mundo.	1,71 (1,03)	2,00 (1,18)	$p > 0,10$
As práticas de ED são coerentes com os valores que a ED veicula.	4,41 (1,08)	4,36 (1,26)	$p > 0,10$
A ED potencia nos cidadãos o desenvolvimento de alternativas na tomada de decisão acerca da vida individual e pública, ao tomarem em consideração as consequências das suas escolhas.	4,94 (0,85)	4,98 (0,85)	$p > 0,10$
A ED promove a participação social no sentido de construir um mundo mais justo e igualitário.	5,12 (0,73)	5,20 (0,93)	$p > 0,10$
A ED potencia o diálogo democrático entre todos os atores envolvidos no processo de aprendizagem.	4,97 (0,76)	5,02 (1,13)	$p > 0,10$

A ED potencia o desenvolvimento de competências de análise e reflexão crítica.	5,00 (1,13)	5,05 (1,03)	$p > 0,10$
A ED promove valores como a responsabilidade social e ambiental e a pertença comunitária proativa e participativa.	5,15 (0,70)	5,00 (1,01)	$p > 0,10$
A ED sensibiliza a partir da culpabilização.	1,65 (1,04)	1,43 (0,82)	$p > 0,10$

6. Que outras ideias tem sobre ED para além das que foram apresentadas?

Instruções no inquérito: “Nesta secção poderá escrever até três novas ideias que não tenham sido contempladas na lista anterior.” (questão facultativa)

6.1. Ideias referidas por 24 dos 100 participantes do inquérito (respostas agregadas por participante):

1.

- “O questionário é pouco abrangente quanto a conceitos e praticas de advocacia social e política”
- “O questionário exclui do conceito e práticas de ED o trabalho com jornalistas”
- “O questionário é limitado na recolha de opinião de articulações ED/CD e o papel dos parceiros de CD”

2.

- “Como questão base e estrutural, é necessário trabalhar e questionar o próprio conceito de desenvolvimento. Na medida em que sob o paradigma de desenvolvimento capitalista e neoliberal, não há espaço para levantar as questões que a ED pressupõe, ou estimular a competência de ação.”

3.

- “Constitui um Desafio Global”
- “Assenta numa descentração e questionamento das representações sociais consolidadas”

4.

- “Promoção de uma reflexão global crítica (*critical global citizenship*) em oposição a uma educação mais passiva e acrítica (*soft citizenship education*)”

5.

- “inforclusão”
- “cidadania digital”

6.

- “A ED não está devidamente integrada na estratégia de cooperação portuguesa”

- “A ED não é conhecida pelos diferentes atores do desenvolvimento”

7.

- “Iniciar um movimento de incentivo à criação de uma disciplina da ED nos programas educativos públicos.”

8.

- “A discussão promovida no contexto da ED deve ser formalmente integrada na formação inicial e na formação contínua de professores.”

- “O conceito de ED é demasiado importante para ser praticamente desconhecido nas IES e em grande parte da sociedade. É muito importante trabalhar para que a sociedade possa conhecer”

9.

- “mudança rápida e mais eficaz”

- “publicitação mais abrangente em diferentes contextos”

- “despolitizar e agir”

10.

- “segurança humana”

11.

- “A ED permite a partilha de ideias e conhecimentos como riqueza da humanidade para todos”

12.

- “AED permite transformar os padrões de vida, de conhecimento e de desenvolvimento de indivíduos e povos”

“A ED ajuda a compreender que o desenvolvimento é o "novo nome da PAZ”

13.

- “criação de emprego”

- “Formação integral da pessoa humana”

- “Desenvolvimento de uma aprendizagem entre pares”

14.

- “sensibilização”

- “educação”

15.

- “abordagem integrada”

- “por vezes conceito demasiado lato”

16.

- “A ED tem de ser mais aproximada das realidades em que trabalha”

- “A ED tem de ser feita em parceria”
- “AED deve ser educação para a cidadania global”

17.

- “Atitude crítica: Como conciliar com o ativismo em torno de uma ideia ou causa únicas?”
- “Participação: Que mecanismos? Que lugar numa democracia representativa?”
- “Ação e liberdade: Qual o lugar da liberdade individual?”

18.

- “A ED promove a solidariedade entre as pessoas e os povos”
- “A ED potencia a reflexividade social”
- “A ED aprofunda a democracia participativa”

19.

- “A ED pode refletir mais sobre os Direitos Humanos”

20.

- “A ED deve ser implementada no ensino formal e complementada com a ENF”

21.

- “Propicia o conhecimento intercultural”
- “Promove a paz”
- “Incentiva a construção de redes de solidariedade social”

22.

- “Relação entre povos”
- “Corresponsabilidade pelo todo/mundo”

23.

- “A ED não é um conceito fechado mas em "construção" e para a qual existem diferentes visões”

24.

- “Convivência”
- “Diálogo *multistakeholder*”

7. Outras sugestões/comentários deixados pelos participantes:

“Algumas das afirmações anteriores são demasiado abrangentes e sujeitas a várias condicionantes, daí que as respostas que dei necessitem derivem de uma interpretação individual e não da organização.”

“O conceito de ED é demasiado importante para ser praticamente desconhecido nas IES e em grande parte da sociedade. É muito importante trabalhar para que a sociedade possa conhecer os princípios de ED, participar na discussão promovida e, se assim desejar, repensar as suas ações.”

“É um pouco confuso responder ao questionário dado que uma "ED idealizada" se mistura com a prática como a conhecemos – poderiam ter sido separadas as perguntas sobre: 1. o que a ED pode ser 2. a prática real da ED pelas organizações - e incluir a aqui a questão do impacto real da ED e do potencial de impacto da ED reunidas as condições X e Y :)”

“Nas respostas fechadas, este inquérito deveria contemplar "sem opinião" ou "desconheço””

“Queria observar que não iniciámos verdadeiramente o processo de implementação da ED na minha instituição, por isso os valores apontados. Aguardamos por um contacto presencial ou reuniões do projeto.

ANEXO C: GUIÃO DE ENTREVISTA (GUIÃO GERAL, COM AS QUESTÕES COMUNS A TODOS OS ENTREVISTADOS)

Parte/categoria	O que queremos saber	Questões
Apresentação	Apresentação do/a entrevistado	- Por favor, diga-nos o seu nome, a instituição onde trabalha e que função desempenha.
Contextualização institucional	História da instituição e as suas valências de trabalho em ED	- Pode apresentar-nos, em poucas palavras, qual o percurso da sua instituição ao nível do seu trabalho em ED/ao nível do seu trabalho em Desenvolvimento e Cidadania?
Definição da ED	Definição da ED	- Disse-nos que o conceito de ED é-lhe familiar. Em que contexto conheceu? - O que entende por ED? (Ou Cidadania Global ou Educação para a Cidadania Global, dependendo do conceito usado pelo/a entrevistado/a) - Como se posiciona face ao conceito de ED?
ED na instituição – prática e relevância	Relevância da ED na instituição	- Que espaço tem a ED na sua instituição?
ED e formação	Necessidades/prioridades de formação	- Que necessidades identifica como sendo da sua instituição no que diz respeito à ED? (financiamento, formação, recursos pedagógicos, etc). - É possível dar-nos alguns exemplos? - O que sugeriria para mudar? Considera que a informação disponibilizada/dada sobre ED é suficiente e clara?
ENED e a sua influência	Conhecimento sobre a ENED – influência na instituição	- Referiu que está familiarizada com a ENED. Acha que a ENED poderá desempenhar um papel relevante enquanto orientação estratégica para o trabalho em ED? Porquê?
ED em Portugal	Condição/papel da ED em Portugal	- De forma global, como vê a ED em Portugal atualmente? (Condições, alcance estratégico ao nível político e social e potencial futuro) - Que desafios identifica para a ED atualmente?
Iniciativas em ED	Conhecer outras iniciativas da ED em Portugal	- Gostaria de salientar algumas iniciativas de ED em Portugal que considere interessantes? Porquê?

ANEXO D: GUIÃO DE ENTREVISTA (GUIÃO COM O CONJUNTO DAS QUESTÕES ESPECÍFICAS, A PARTIR DAS RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO)

Parte/categoria	O que queremos saber	Questões
Contextualização institucional	Apresentação do/a entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> - Pode descrever-nos o envolvimento da sua instituição no trabalho da ED aqui realizado? - E o seu envolvimento pessoal, pela sua formação e trabalho?
Definição da ED	Definição da ED	<ul style="list-style-type: none"> - Identificou falta de coerência entre os valores vinculados à ED e as práticas de ED. Em que níveis? Porque acha que isto acontece? - Uma das ideias que deixou no questionário tem a ver com a articulação entre ED e CD e o papel dos parceiros de CD. Poderia desenvolver esta ideia? - Diz que a ED deve conduzir a uma ação concreta e que ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento. Quer explorar um pouco mais esta ideia? Que caminho o levou a esse entendimento sobre ED? - Nas suas respostas, diz que a ED pretende a angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento e menciona a segurança humana. Quer desenvolver um pouco mais esta ideia? - Fala ainda das questões de género e da ED como alavanca para um ambiente de ensino diretivo, no sentido de conseguir melhores resultados na sua ação. Como vê isto acontecer em termos práticos? - Reforçou várias vezes o papel da ED na promoção da justiça, da participação e da consciência crítica. Que caminho o/a levou a esse entendimento sobre ED? - No seu inquérito, diz que por vezes a ED ajuda na construção de projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento. Quer desenvolver um pouco mais esta ideia? - No inquérito referiu que a ED não se distingue das outras Educações para... Pode aprofundar esta ideia? - Também é referido que a ED pode ter um papel ativo na angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento. Como?

<p>ED na instituição – prática e relevância</p>	<p>Relevância da ED na instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Referiu no inquérito que o impacto da ED a nível institucional é baixo. Porquê? - No seu questionário, atribui valores baixos à relevância que a ED tem no trabalho da sua instituição. Que espaço, condições e que relevância considera ter a ED nesse contexto? A que níveis? - Na questão sobre a relevância atribuída à ED no âmbito da sua instituição, atribui valores elevados aos impactos que ED tem no trabalho da sua instituição. Uma vez que estamos a falar de uma Instituição de Ensino Superior, como vê a ED nesse contexto? - Que relevância pensa ter a ED no trabalho da sua instituição? - Que papel e função poderá ter a ED no ensino superior? <p>Faz uma avaliação positiva da relevância e impacto que a ED tem no trabalho da sua instituição. De que forma é perceptível essa relevância?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Que papel, condições e alcance estratégico pensa ter a ED no trabalho desenvolvido pela sua instituição? - Sendo a sua instituição uma escola de formação de professores, que relevância pensa ter a ED nessa função? E que espaço tem efetivamente a ED nesse propósito de formação? - De uma forma geral considerou um impacto significativo da ED no trabalho da sua instituição. No entanto referiu um impacto menor na missão da instituição e na ação dos profissionais. Porquê? - De uma forma geral considerou um impacto muito positivo da ED no trabalho da sua instituição? A que níveis é que este impacto é mais visível? Pode dar exemplos?
<p>ED na instituição - influência</p>	<p>Influência da ED na instituição – âmbitos de trabalho</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Assinalou no questionário que a ED exerce alguma influência ao nível do trabalho na sua instituição em áreas como os Direitos Humanos, participação cívica e combate à desigualdade social, entre outras. De que forma esta influência foi expressa? Em que âmbitos? - No âmbito do trabalho na sua instituição, atribui valores elevados à influência que a ED tem nesse mesmo trabalho. Como explica a distinção que faz?

		<ul style="list-style-type: none"> - De que forma explica a influência da ED na sua instituição? Em que âmbitos? - Na questão sobre a influência que a ED tem no trabalho da sua instituição, atribui valores elevados à influência que a ED tem. De que forma pensa que isto acontece? A que níveis? É possível dar exemplos? (Ex.: Nas competências pessoais e sociais para a participação cívica; Na defesa de causas sociais/políticas; No conhecimento e reconhecimento dos problemas locais e globais; Na predisposição para valores como a justiça social, a equidade, a inclusão e a solidariedade; Nas atitudes de combate à exclusão, desigualdades e discriminação). - Da mesma forma, atribui valores elevados à influência que a ED tem no trabalho da sua instituição. De que forma isso acontece e em que âmbitos? - Não obstante essa avaliação positiva, considera que é possível crescer/melhorar de alguma forma esse trabalho no âmbito da ENED? O que pensa que falta fazer? - No âmbito do trabalho na sua instituição, indicou no inquérito que a ED pode influenciar de maneira muito forte o “desenvolvimento de visões, estratégias e propostas concretas de mudança”. De que forma é que isto se manifesta a nível institucional? - No âmbito do trabalho na sua instituição, é visível nas suas respostas que a ED tem uma influência muito forte. De que forma? Em que âmbitos?
<p>ENED e a sua influência</p>	<p>Conhecimento sobre a ENED – influência na instituição</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Disse-nos que a ENED não teve qualquer tipo de impacto na sua instituição enquanto orientação estratégica da ED. Qual a razão? - Diz que a ENED não teve impacto na sua instituição enquanto orientação estratégica da ED. Porquê? Isso pode mudar? A que níveis? - Ao nível macro e pelo seu conhecimento e trabalho na área da ED, que avaliação faz da ENED, uma vez que estamos quase na reta final da meta de 2015? - A propósito da ENED, da qual se diz familiarizada, menciona que esta teve impacto conceptual e estratégico no trabalho da sua organização. De que forma isso acontece? Ao

		<p>nível prático isso não acontece? Porquê?</p> <ul style="list-style-type: none"> - Está familiarizada com a ENED e diz que esta estratégica teve impacto no trabalho da sua instituição a três níveis – conceptual, estratégico e prático. Efetivamente, é possível explicar como isto acontece nos diferentes níveis? Pode dar-nos alguns exemplos? - Enquanto subdiretora da instituição, que papel considera ter a ENED enquanto orientação estratégica da ED na sua instituição? Em que medida/a que níveis? - Quando fez referência ao impacto da ENED na sua instituição, especificou os níveis conceptual e prático. De que forma? - No entanto referiu que não teve impacto a nível estratégico. Acha que a ENED poderá também desempenhar um papel relevante enquanto orientação estratégica para o trabalho em ED? Porquê? (se responder que sim, questionar porque tal não aconteceu na sua instituição) - Uma vez que já está familiarizada com a ENED, em que medida é que este documento teve impacto na sua instituição enquanto orientação estratégica da ED?
<p>ED em Portugal</p>	<p>Condição/papel da ED em Portugal</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Uma vez que se trata de uma Instituição do Ensino Superior, que espaço considera que a ED tem neste contexto? - Sendo bolseiro de investigação, que papel e que funções poderão ser assumidas pela ED no ensino superior? De que forma?

ANEXO E: GRELHA DE ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

1. Apresentação do Entrevistado/a	
Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	É atualmente bolseiro de investigação numa instituição do ensino superior, no âmbito do seu doutoramento. Anteriormente trabalhou em Angola, como técnico/formador voluntário num projeto de Cooperação para o Desenvolvimento na área da educação e deu aulas em Portugal de forma pontual.
IES 2	Trabalha há 44 anos como professora, ligada à educação, e há 28 anos como investigadora. Neste momento é bolseira de investigação da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, na IES 2. Está na IES 2 desde 2010.
IES 3	É subdiretora e professora na IES 3. Neste momento, encontra-se sobretudo envolvida na formação inicial de professores e educadores. Faz parte da direção da escola e é coordenadora de um curso de licenciatura, sendo também docente no mesmo curso.
OSC 1	É Presidente da Direção e diretora executiva da OSC 1. Tem experiência profissional anterior noutra OSC e está na OSC 1 há 18 anos; entrou na organização para trabalhar na profissionalização da mesma e no início do trabalho ao nível da Cooperação para o Desenvolvimento. Atualmente, assume a responsabilidade pelos contactos externos politicamente mais complexos, bem como o início da relação com novos parceiros, negociação com financiadores e entidades políticas. Simultaneamente, ocupa-se da conceptualização de novos projetos, assim como da gestão de projetos da instituição.
OSC 2	A entrevistada é psicóloga e trabalha numa equipa de projetos de intervenção social, na OSC 2, há 12 anos. Por vezes participa nos projetos como coordenadora, outras vezes como técnica ou formadora.
OSC 3	Tem uma formação em Estudos Europeus e fez uma especialização em Cooperação para o Desenvolvimento. Começou o seu percurso profissional numa Associação ligada à Ética Empresarial. Depois passou para uma consultora, mantendo o trabalho na área da ética e da responsabilidade social, em paralelo com a coordenação pedagógica de formação. Sempre acompanhou as comissões técnicas que desenvolveram as normas portuguesas de responsabilidade social nas organizações e de elaboração e implementação de códigos de ética nas organizações. Há cerca de 1 ano aceitou o convite da OSC 3 para integrar o gabinete de projetos, do qual é responsável. O desafio lançado à entrevistada pela OSC 3 foi o de promover a sua dinamização, trabalhar com a equipa, desenvolver o <i>know-how</i> , a experiência, a estrutura e os recursos para criar mais impacto e valor na comunidade e, simultaneamente, arranjar novas formas de financiamento para suportar a estrutura.

2. Contextualização Institucional	
Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	<p>A organização onde atualmente desenvolve trabalho de investigação trata-se de um instituto de educação, que oferece formação, ao nível da licenciatura, mestrado e doutoramento, a profissionais da área da educação, sendo o trabalho em Educação para o Desenvolvimento algo transversal à oferta formativa da instituição.</p> <p>Neste sentido, o conceito de Educação para o Desenvolvimento tem um espaço e um lugar bastante importante, apesar de não haver uma única definição do conceito e de este ser algo polissémico e dotado de alguma plasticidade. Na verdade, o entrevistado afirma que numa instituição de ensino superior, seja ela qual for, o conceito de Educação para o Desenvolvimento tem um lugar relevante, porque permite uma compreensão crítica das pessoas envolvidas, dos fenómenos globais, das interdependências, das assimetrias do mundo. Além disso, porque no seu entender o conceito de Educação para o Desenvolvimento pressupõe a combinação do pensamento crítico com a ação, torna-se preponderante nas instituições de ensino superior e no papel que elas têm na formação de jovens. Muitas das temáticas abordadas mexem com preconceitos instituídos na sociedade e nas pessoas.</p>
IES 2	Ver categoria 4 – Prática e relevância da ED na instituição
IES 3	<p>A exploração das temáticas de Educação para o Desenvolvimento faz-se sentir desde logo através do envolvimento da escola na participação e avaliação da ENED.</p> <p>Paralelamente, faz-se também sentir ao nível do curso de formação de professores, que tem um efeito multiplicador a outros níveis. A entrevistada destaca, assim, o trabalho que tem sido feito numa componente de formação que é a Iniciação à Prática Profissional, semelhante a um estágio integrado. Através desta componente, o público-alvo do trabalho desenvolvido são simultaneamente os estudantes do curso, os professores das escolas onde os estudantes estão a realizar a sua prática e os alunos dessas escolas. Em alguns casos, o efeito é ainda mais alargado, envolvendo alguns elementos da comunidade ou a comunidade como um todo.</p> <p>Ao nível da escola, os docentes envolvidos têm vindo a ser influenciados e a perceber os objetivos da ENED.</p> <p>Não obstante, a entrevistada considera que há ainda muito trabalho para fazer, nomeadamente ao nível dos docentes.</p> <p>Papel da entrevistada no trabalho em Educação para o Desenvolvimento desenvolvido pela IES 3</p> <p>Planeamento: na sequência de uma construção e de um trabalho partilhados, surgiu a ideia de integrar esta temática no curso e depois numa disciplina específica. Pelo facto de ser coordenadora do curso e responsável pela unidade curricular em questão, a entrevistada acabou por ter uma margem de liberdade de decisão maior.</p>

	Execução: a entrevistada tem acompanhado o processo; não está envolvida diretamente, mas em vários momentos, participa em algumas sessões com os alunos e é informada sobre a execução e avaliação do projeto.
OSC 1	<p>Todas as pessoas que trabalham na OSC 1 estão envolvidas em todos os projetos da instituição, sejam de Educação para o Desenvolvimento ou de Cooperação para o Desenvolvimento, o que garante a qualidade em termos da evolução da instituição e das pessoas que dela fazem parte, constituindo igualmente um exemplo da democracia interna que caracteriza a instituição.</p> <p>Desde a sua entrada na OSC 1, os projetos de Educação para o Desenvolvimento estão muito centrados nos temas da influência política/advocacia social e no trabalho com os <i>media</i>, essencialmente dirigidos (direção colaborativa) pela entrevistada e pela restante equipa.</p> <p>Os projetos de Cooperação para o Desenvolvimento da OSC 1 tendem a refletir o trabalho de advocacy, o trabalho com os <i>media</i>, de mentalidades, de influência política, muito centrados numa abordagem de realização dos direitos humanos e de promoção de políticas de realização de direitos humanos.</p> <p>A entrevistada salienta a visão crítica da OSC 1 em relação à imagem sobre África transmitida pelos <i>media</i> portugueses e à imagem utilizada pelas ONG para se afirmarem em Portugal e na Europa e a vontade daí decorrente de trabalhar esta questão. Daqui surge um livro, que consistiu em fazer micro reportagens sobre as pessoas, as iniciativas, as organizações que contrariam a imagem de África que, por norma, é transmitida. Este trabalho marca o início do percurso da OSC 1 no trabalho com os jornalistas e de influência política sobre a imagem de África junto de entidades políticas portuguesas e também junto das ONG.</p>
OSC 2	<p>A OSC 2 tem como missão construir uma “cultura de cuidado”, “cuidado de si”, “cuidado dos outros”, “cuidado do estado do mundo”. Ao longo do tempo, tem desenvolvido projetos em diferentes áreas. A dimensão da igualdade de género é transversal a toda a intervenção da OSC 2.</p> <p>Ações e iniciativas pontuais de Educação para o Desenvolvimento marcam toda a história da OSC 2, ou seja, a reflexão crítica sobre o que é desenvolvimento, o que consumimos e produzimos, como nos organizamos enquanto sociedade. Aliás, a procura de novos modelos de vida em sociedade está mesmo presente nos estatutos da OSC 2.</p> <p>Nos últimos anos tiveram 2 projetos de Educação para o Desenvolvimento, ambos em parceria com outra OSC:</p> <p>a) um projeto na área das migrações, um projeto de <i>advocacy</i>, que consistia em pensar, com os migrantes, que contributo é que estes dão para o desenvolvimento do seu país;</p> <p>b) em curso está um outro projeto relacionado com o comércio justo.</p>
OSC 3	<p>A entrevistada assume desde logo que a OSC 3 não tem muita experiência ao nível da Educação para o Desenvolvimento. Aquando da sua fundação, inicia um projeto de divulgação da língua e da cultura portuguesa num país asiático. Desde então atuam em várias cidades desse país, todos os anos com cursos de português, de língua e cultura. No seguimento desses cursos, os melhores</p>

	<p>alunos vêm a Portugal no Verão, fazer um curso de língua na Faculdade de Letras e fazem também visitas de estudo.</p> <p>No âmbito de um outro projeto, recebem alunos dos PALOP que querem continuar os seus estudos para mestrado e doutoramento e que não têm possibilidades para tal. A OSC 3, através de patrocinadores, cria bolsas que permitem realizar esses planos formativos, sendo que o princípio subjacente à atribuição destas bolsas é o de capacitar atores que depois podem voltar aos seus países e serem eles os agentes de uma mudança sustentável. De um modo informal, no entender da entrevistada, emerge nestas atividades uma componente de Educação para o Desenvolvimento, na medida em que a OSC 3 faz uma sensibilização informal, mediante a realização de reuniões anuais com todos os patrocinadores, onde se procura fazer um trabalho de sensibilização para os problemas do Sul.</p> <p>A OSC 3 tem já outros projetos desenhados, essencialmente para trabalhar com estudantes, mas que ainda não tiveram apoio.</p> <p>Um outro projeto, já aprovado, integra várias atividades relacionadas com a integração de imigrantes em Portugal. Nessa mesma área, decorrerão novas atividades, nomeadamente com maior componente de Educação para o Desenvolvimento, porque contemplarão um ciclo de cinema e um ciclo de histórias de tradição oral de diferentes países. É suposto que estes ciclos contem com a participação de nacionais de países terceiros, que assim podem partilhar as suas histórias, numa lógica de diálogo e reflexão sobre as relações Norte-Sul. Haverá também um seminário final <i>multistakeholder</i>, de modo a pensar de forma participativa o que pode ser feito para aprofundar este diálogo e a integração dos imigrantes.</p>
--	--

3. Definições de ED

Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	<p>O 1º contacto com o conceito de Educação para o Desenvolvimento acontece em 2000, ainda no âmbito da sua licenciatura na Escola Superior de Educação. Nesse ano teve início uma série de cursos livres com temáticas ligadas à Cooperação para o Desenvolvimento, onde também eram abordados alguns aspetos da Educação para o Desenvolvimento, embora na altura não que esta denominação.</p> <p>Um contacto mais aprofundado aconteceu em 2005/2006, altura em que começou a estar envolvido em algumas sessões de um curso livre. Este curso já tinha sessões especificamente sobre a Educação para o Desenvolvimento, que o entrevistado chegou a dinamizar.</p> <p>Para o entrevistado, o conceito de Educação para o Desenvolvimento envolve simultaneamente pensamento crítico e ação. Reconhece que não há uma única definição de Educação para o Desenvolvimento, mas sim várias, que englobam vários tipos de educação (educação para a paz, educação para a sustentabilidade,...). E ao ligar estas questões a uma cidadania global participativa, no seu entender, será uma forma mais simples de perceber o</p>

que é Educação para o Desenvolvimento. A este respeito, refere, por exemplo, que em inglês é mais fácil perceber as diferenças entre Educação E Desenvolvimento e Educação PARA o Desenvolvimento. Em Portugal, muitas vezes, quando se fala em Educação para o Desenvolvimento e principalmente para as pessoas que estão mais ligadas à Cooperação para o Desenvolvimento na área da educação, as pessoas confundem estes dois conceitos. Neste sentido, seria favorável, para uma melhor compreensão do conceito de Educação para o Desenvolvimento, falar-se de uma **Cidadania Global Participativa**.

A fronteira do conceito é bastante porosa, por isso, há várias nuances que podem passar de um lado para o outro. Aliás, a noção da existência de uma fronteira porosa em torno do conceito de Educação para o Desenvolvimento pode ser vista como um dos seus traços definidores.

Relação Educação para o Desenvolvimento e projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento

A Educação para o Desenvolvimento tem um papel importante a este nível, porque permite a reflexão crítica sobre os fenómenos globais, ou seja, dá ferramentas às pessoas que estão envolvidas nos processos de Cooperação para o Desenvolvimento, ajudando-as a construir melhores projetos de Cooperação para o Desenvolvimento e a perceber melhor o mundo onde estão envolvidos. Isto porque os projetos de Educação para o Desenvolvimento, muitas vezes, também são de política externa e estas ferramentas de pensamento crítico e de perceber o que é Educação para o Desenvolvimento e Cooperação para o Desenvolvimento são muito úteis para a construção dos projetos. Algumas características que são utilizadas na dinamização de ações de Educação para o Desenvolvimento, como por exemplo, a questão da participação, permitem dar outras ferramentas a quem está envolvido na construção destes projetos.

Que relação entre Educação para o Desenvolvimento e Cooperação para o Desenvolvimento

Os conceitos de Educação para o Desenvolvimento e Cooperação para o Desenvolvimento estão intimamente ligados, porque os projetos de cooperação para o desenvolvimento pressupõem uma ação noutra país, noutra contexto, noutra realidade e a Educação para o Desenvolvimento dá ferramentas a quem trabalha nesses contextos para outro tipo de ações e para outro tipo de Cooperação para o Desenvolvimento que não seja paternalista e assistencialista.

Posicionamento face às definições dominantes de Educação para o Desenvolvimento

O entrevistado afirma rever-se em alguns dos conceitos de Educação para o Desenvolvimento ou, dito de outra forma, identifica-se com o conceito geral, havendo uma ou outra componente com a qual possa não concordar.

IES 2	<p>A entrevistada foi quadro de um Ministério de Educação na África lusófona e foi nesse contexto que teve o 1º contacto com o conceito de Educação para o Desenvolvimento, apercebendo-se da sua relevância. Nesta altura, integrava uma equipa que era chamada a refletir sobre a política educacional em Moçambique, uma reflexão muito baseada nas publicações da UNESCO. Refere a importância da educação, no sentido da formação de cidadãos conscientes.</p> <p>Perspetiva o conceito de Educação para o Desenvolvimento no quadro de uma política nacional de educação para todas e para todos. A esta vertente nacional, acresce a vertente local, regional, continental e a vertente mundial, ou seja, entende o conceito de Educação para o Desenvolvimento no quadro mais vasto da Cidadania Global. Em todas estas vertentes, não importa apenas a definição de objetivos, importa sobretudo o chegar às comunidades e a participação das mesmas na concretização dos objetivos.</p> <p>Educação para o Desenvolvimento e relação com a segurança humana Esta questão surge, no seu entender, no sentido da defesa da vida humana, que ainda hoje é algo muito frágil. Pense-se na questão da violência sobre os mais fracos, sobre as mulheres, as crianças. Mesmo em países com cultura democrática, a vida humana é ainda algo de muito frágil. Neste sentido fala de segurança humana no sentido do respeito e da defesa da mesma.</p> <p>Educação para o Desenvolvimento e angariação de fundos para a melhoria das condições de vida dos países em vias de desenvolvimento Refere que nos dois centros de investigação em que está inserida, quer ao nível da formação, quer ao nível dos projetos de investigação, há projetos muitos válidos que esbarram num entrave - a falta de verbas. Ou seja, a questão da angariação de fundos é vista como forma de permitir a operacionalização do conceito de Educação para o Desenvolvimento e dos seus objetivos, uma vez que muitas vezes os objetivos estabelecidos falham, nomeadamente na alocação de fundos ao setor da educação. Neste sentido, a entrevistada salienta que não pode ser ignorado o retorno económico que o próprio conceito de Educação para o Desenvolvimento pressupõe.</p> <p>Educação para o Desenvolvimento e questões de género como alavanca para um ambiente de ensino direto A entrevistada considera que muito tem sido feito a este nível, referindo por exemplo as estatísticas sobre o número de raparigas a estudar. No entanto, esses números esbarram na questão material, que se traduz, por exemplo, em situações de discriminação salarial nos casos em que homens e mulheres desempenham a mesma tarefa. Reconhece que se tem trabalhado muito para a igualdade de género a vários níveis e que no âmbito dos projetos de Educação para o Desenvolvimento, as mulheres são as grandes mobilizadoras da educação, a nível comunitário; contudo, ao mesmo tempo, financeiramente, não têm esse retorno. Considera, por isso, que ainda há muito a fazer ao nível das questões de género, uma vez que o poder</p>
-------	---

	<p>patriarcal é ainda muito forte.</p> <p>Posicionamento face ao conceito de Educação para o Desenvolvimento Considera-se uma entusiasta do conceito. No entanto, em termos práticos, muito do que há a fazer, começa desde o ensino infantil. Tem de haver uma grande aposta ao nível do ensino infantil, ao nível da formação de professores. Neste sentido, considera que ainda há uma grande lacuna na forma como é entendido o ensino superior, onde muitas vezes não é reconhecido o longo trabalho a fazer ao nível da formação de professores.</p>
<p>IES 3</p>	<p>A Educação para o Desenvolvimento constitui uma desafio para pensar, em termos globais, todas as questões que se relacionam com a educação em diferentes áreas, em diferentes componentes, com a responsabilidade que tal implica enquanto cidadãos do mundo, ou seja, com a responsabilidade de perceber que a nossa ação pode fazer alguma diferença, quer respeitando todos, quer mudando a realidade no sentido desejável.</p> <p>Distinção/indistinção da Educação para o Desenvolvimento em relação a outras “Educações para...” A entrevistada considera que a Educação para o Desenvolvimento não se confunde com outras “Educações para...”. Do ponto de vista educacional e da intervenção educativa, a entrevistada salienta que têm sido convidados a introduzir uma série de temáticas de “Educação para...” que, por vezes, acabava por ser uma listagem demasiado excessiva, onde cabem todos os conceitos, eventualmente, sem grande coerência (ex.: “Educação para o Consumo”, “Educação para as Diferenças de Género”, “Educação para os Comportamentos de Trânsito”). Neste contexto, a entrevistada reforça que no seu entendimento, o conceito de Educação para o Desenvolvimento se encontra num nível distinto. Enquanto a Educação para o Desenvolvimento constitui uma grelha de análise do mundo, muitas das “Educações para...” são mais instrumentais e operacionais, relacionadas com a aquisição de competências em áreas específicas. Obviamente que há zonas de confluência entre Educação para o Desenvolvimento e outras “Educações para...”.</p>
<p>OSC 1</p>	<p>O 1º contacto com o conceito de Educação para o Desenvolvimento ocorreu aquando do processo de integração europeia, altura em que estava ligada a uma outra OSC, que viu financiados projetos de Educação para o Desenvolvimento logo no início da adesão à CEE.</p> <p>A Educação para o Desenvolvimento e a Cooperação para o Desenvolvimento são vistas como um processo de advocacy, um processo de trabalho com os <i>media</i>, de mudança de mentalidades, como um processo de influência política.</p> <p>A entrevistada assume claramente uma visão crítica em relação ao conceito de Educação para o Desenvolvimento, preferindo até a expressão “sensibilização para o desenvolvimento”. Aliás, refere que na OSC 1 só utilizam a expressão Educação para o Desenvolvimento quando têm de fazer algo formal.</p>

	<p>Esta visão crítica resulta, por um lado, na sua percepção de que o termo “educação para...” é um pouco pretensioso e arrogante. “Sensibilização” pressupõe troca/partilha de opiniões, ideias diferentes, preocupação de saber o que o outro pensa; é um conceito mais lato e menos arrogante. Por outro lado, o conceito original de Educação para o Desenvolvimento exclui todo o trabalho que tem a ver com advocacy, com influência política, com o trabalho com os <i>media</i>. Assim, para a OSC 1 o conceito de Educação para o Desenvolvimento é um conceito ultrapassado. É um conceito que tem vindo a ser acrescentado e que nunca foi substituído. Indo mais além, a entrevistada fala de uma espécie de falta de seriedade por não se assumir que o conceito de Educação para o Desenvolvimento é hoje um conceito limitado e limitativo. Para integrar no conceito original de Educação para o Desenvolvimento o trabalho com outros recursos, com outros públicos-alvo, outras formas de trabalhar, outros objetivos, acaba-se por tentar tornar o conceito algo tão elástico que se chega a desvirtuá-lo e deixa-se de saber sobre o que se está a falar. A ENED é apontada como um exemplo disto mesmo.</p> <p>A falta de coerência entre valores e práticas de Educação para o Desenvolvimento é sentida por exemplo no trabalho com os <i>media</i>. Considera que a este nível muitas ONG têm um trabalho incoerente (ex.: o valor do respeito pela dignidade humana é muitas vezes violado em práticas comunicacionais que vendem bem e que recolhem fundos; visão utilitarista sobre os parceiros africanos de Educação para o Desenvolvimento – os valores da parceria são valores da Educação para o Desenvolvimento, a maneira como muitas vezes são utilizados, de modo utilitarista, os parceiros africanos).</p>
OSC 2	<p>A entrevistada recorda que foi através de uma representante da OSC 2 na Plataforma das ONGD, que teve o primeiro contacto com o conceito de Educação para o Desenvolvimento, quando a última lhe falou de uma escola de outono sobre ED e da entrevistada ter pesquisado sobre o tema. Mais tarde, a entrevistada esteve envolvida na elaboração da ENED e na reorganização do Grupo de ED.</p> <p>Define a Educação para o Desenvolvimento como um processo educativo, que não se resume a ações pontuais, implica um processo de tomada de consciência crítica, de reflexão sobre o estado do mundo, o modo como vivemos, a forma como são distribuídos os recursos, o poder. Tem uma dimensão global, é baseada em valores, como a igualdade, a justiça, a solidariedade e visa a transformação, no sentido de um mundo mais justo e igualitário e também mais sustentável. Visa promover mudanças, não só nas leituras do mundo, mas também nos comportamentos individuais. Portanto, a Educação para o Desenvolvimento tem esta dimensão de informar, sensibilizar, mobilizar para a mudança e influenciar as políticas.</p> <p>Sobre o processo de construção desta leitura do conceito de ED</p> <p>A OSC 2 identifica-se com a perspetiva de Paulo Freire sobre a educação. Mesmo antes de trabalhar mais especificamente as questões da Educação</p>

	<p>para o Desenvolvimento, a entrevistada teve a oportunidade de acumular experiência e saber sobre metodologias participativas, que visam a transformação e a tomada de consciência. Por isso, o entendimento de que a mudança se faz pelo diálogo, pela desconstrução, pela discussão e pela participação das pessoas é algo anterior ao envolvimento da entrevistada nas temáticas de Educação para o Desenvolvimento.</p> <p>Paralelamente, esta construção da definição do conceito é uma construção altamente partilhada, que resulta de muitos diálogos, nomeadamente no Grupo de ED da Plataforma da ONGD. A participação na elaboração da ENED foi também importante nesse processo.</p> <p>Educação para o Desenvolvimento e projetos de cooperação para os países em vias de desenvolvimento</p> <p>No seu entender, a Educação para o Desenvolvimento chama a atenção para as interdependências entre Norte e Sul, entre centro e periferia. É importante que as pessoas estejam conscientes em relação às desigualdades, às injustiças e às razões pelas quais elas existem. O facto de haver cidadãos conscientes legitima a cooperação (não qualquer iniciativa, mas aquelas que de facto “empoderem os povos irmãos”).</p>
OSC 3	<p>O contacto com a temática da Educação para o Desenvolvimento advém da formação em Cooperação para o Desenvolvimento, tendo ficado um <i>standby</i> na altura em que a entrevistada desenvolveu o seu percurso profissional na área da responsabilidade social e da ética. Quando começou a colaborar com a OSC 3, a ligação com a Educação para o Desenvolvimento é retomada, até porque a instituição já participava no Grupo de ED da Plataforma das ONGD. No entender da entrevistada, esta participação é essencial, na medida em que permite refletir sobre a definição do conceito de Educação para o Desenvolvimento e a sua relação com outros conceitos.</p> <p>A Educação para o Desenvolvimento é vista como um conjunto de ações, sejam de sensibilização, de educação formal, de educação informal, que pretendem promover a reflexão crítica sobre os assuntos do desenvolvimento, associado às disparidades Norte-Sul ou na perspetiva de um desenvolvimento integrado Norte-Sul, e o diálogo que será necessário desenvolver para que se concretizem ações para alcançar o desenvolvimento sustentável integrado.</p> <p>Embora a entrevistada se reveja nesta perspetiva, considera que seria útil trabalhar com menos conceitos. Por exemplo, refere a possibilidade de integração do conceito de Educação para o Desenvolvimento no conceito de Educação para a Cidadania Global ou Educação para a Cidadania Responsável. Neste caso talvez a entrevistada se revesse mais no conceito de Educação para o Desenvolvimento.</p> <p>Indistinção da Educação para o Desenvolvimento em relação a outras “Educações para...”</p> <p>Tendo como referência a ENED e as definições que esta propõe, a entrevistada sublinha o facto de todas as “Educações para...” estarem</p>

	<p>interligadas. Assim, no seu entender, seria útil um conceito mais lato.</p> <p>Educação para o Desenvolvimento e angariação de fundos para a melhoria das condições de vida em países em vias de desenvolvimento</p> <p>Sem Educação para o Desenvolvimento não existe um processo de sensibilização da sociedade para compreender que não é possível viver num microcosmos, apenas preocupados com as questões do desenvolvimento local. Pelo contrário, é necessário perceber que estamos todos interligados e que só conseguimos promover um desenvolvimento sustentável se o fizermos globalmente. A Educação para o Desenvolvimento é fundamental ao nível da sensibilização para a necessidade de um equilíbrio entre o local e o global.</p>
--	---

4. Prática e relevância da ED na instituição	
Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	<p>O entrevistado salienta, antes de mais, que a sua visão a este respeito decorre do seu contacto com a instituição enquanto bolseiro de investigação. Assim, tem a perceção de que, de uma forma geral, na sua instituição, não se atribui grande importância ao conceito de Educação para o Desenvolvimento. Neste sentido, afirma que há pessoas que trabalham as questões de Educação para o Desenvolvimento mas, muitas vezes, esse trabalho tem a ver com um entendimento errado do que é a Educação para o Desenvolvimento. Por exemplo, sabe que uma professora escreveu um livro ou um capítulo de um livro sobre Educação para o Desenvolvimento e o que lá está nem tem a ver com a polissemia do termo, por exemplo, e não se identifica com o que se discute no âmbito deste projeto.</p> <p>No entanto, não deixa de considerar que estas questões estão todas presentes na instituição. Ainda assim, volta a sublinhar que a Educação para o Desenvolvimento no âmbito em que é explorada no projeto Sinergias não é considerada relevante na IES 1. Reconhece que existem focos nos quais a Educação para o Desenvolvimento poderia ter mais relevância se fosse trabalhada enquanto Educação para o Desenvolvimento, no sentido desta compreensão crítica dos fenómenos da globalização.</p>
IES 2	<p>A entrevistada atribui grande relevância ao conceito de Educação para o Desenvolvimento no âmbito dos centros de investigação que integra, relevância essa que se espelhava até no nome da própria IES 2. Isto é, o conceito de Educação para o Desenvolvimento acaba por ser definidor da própria instituição, funcionando como linha orientadora da mesma. Assim, a presença da Educação para o Desenvolvimento na instituição é fulcral, e em todos os campos – nos cursos/formação, nos projetos de investigação, no campo da ligação com a comunidade (aquilo que se chama extensão universitária) e no campo do empreendedorismo.</p> <p>Sobre este ponto, a entrevistada salienta ainda que ambos os centros de investigação têm a preocupação de criar redes entre os investigadores, assim</p>

	<p>como ligações a ONG.</p> <p>No caso de outras IES por onde a entrevistada já passou, o conceito de Educação para o Desenvolvimento está muito presente, nomeadamente nos cursos de Ciências Sociais e Humanas.</p>
IES 3	<p>Neste momento assiste-se a algumas mudanças na formação de professores, no sentido de uma desvalorização e de uma diminuição do espaço dedicado a todas as áreas de formação que não sejam consideradas áreas de formação estritamente científica.</p> <p>Neste sentido, a entrevistada salienta a necessidade da IES 3 definir e clarificar, interna e externamente, o perfil de competências que um estudante que termina a formação oferecida pela escola deve ter. Assim, no seu entender, a IES 3 tem de pensar de que forma os alunos poderão vir a ser cidadãos e profissionais atentos, críticos, intervenientes, percebendo as questões complexas do mundo atual. Ou seja, a IES 3 precisa perceber se está a atuar nesse sentido e se os docentes e as unidades curriculares que estes têm a seu cargo estão a contribuir para isso. E a este nível, a Educação para o Desenvolvimento vai ter um papel importante na estratégia de definição e de reestruturação das formações da IES 3, sobretudo na área da educação.</p> <p>A nível institucional, a entrevistada atribui uma grande importância à participação da IES 3 na elaboração da ENED e ao trabalho desenvolvido no âmbito da Educação para o Desenvolvimento. Aliás, este envolvimento poderá, no seu entender, vir a constituir uma identidade distinta da IES 3.</p>
OSC 1	<p>Impacto da Educação para o Desenvolvimento a nível institucional é baixo porque não se reveem no conceito tradicional de ED. A OSC 1 adota um conceito mais amplo, mais político (sensibilização para o desenvolvimento), que influencia e que enforma o comportamento da organização, a forma como se relacionam, os projetos que escolhem.</p>
OSC 2	<p>Para além dos 2 projetos de Educação para o Desenvolvimento que a OSC 2 desenvolve, há um esforço interno e permanente de reflexão, até porque a OSC 2 é um movimento internacional e há temas que surgem da própria condição de vida e das leituras trazidas pelas pessoas do Sul.</p> <p>Não obstante, a entrevistada considera que a Educação para o Desenvolvimento, assim como outras áreas de intervenção, merecia muito mais atenção e muito mais espaço na OSC 2 e de uma forma geral. Ainda assim, no seio da organização, não deixa de ser reconhecida como uma área importante.</p> <p>Impacto reduzido da Educação para o Desenvolvimento na missão da instituição e na ação dos profissionais</p> <p>Este impacto reduzido tem a ver com as limitações que a instituição encontra no quotidiano, nomeadamente o facto de serem um equipa pequena, a dificuldade de acesso a financiamentos que permitam que haja profissionais a trabalhar especificamente nesta área.</p>
OSC 3	<p>O impacto da Educação para o Desenvolvimento no trabalho quotidiano da OSC 3 faz-se sentir na sensibilização do Conselho de Administração, que</p>

	está sempre a par do trabalho desenvolvido, da direção e dos colaboradores. O maior contacto dos profissionais da instituição com as temáticas da Educação para o Desenvolvimento acontece aquando da entrada da entrevistada no Grupo de ED da Plataforma das ONGD.
--	--

5. Influência da ED na instituição	
Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	<p>A distinção que faz entre, por um lado, a reduzida relevância da Educação para o Desenvolvimento no trabalho da instituição e, por outro, a influência elevada que a Educação para o Desenvolvimento tem nesse mesmo trabalho decorre da sua consideração em torno da potencial influência. Ou seja, a distinção faz-se entre objetivamente o espaço relativamente pequeno que a Educação para o Desenvolvimento tem na instituição e o grande potencial que poderia ter se fosse trabalhado de outra forma.</p> <p>Ao nível da instituição que integra, a Educação para o Desenvolvimento encontra-se presente em algumas ações promovidas pela mesma, embora não esteja explícito que é ED. Por exemplo, nos cursos mais gerais de educação, quando trabalham algumas temáticas (sobretudo no âmbito da educação não formal), a Educação para o Desenvolvimento está presente. Além disso, sendo uma instituição do ensino superior, à partida estimula a compreensão crítica do mundo.</p>
IES 2	<p>A influência da Educação para o Desenvolvimento nas instituições em que a entrevistada está integrada faz-se sentir ao nível da orientação, isto é, ao nível dos programas de ensino, mas sobretudo na ligação com outras universidades, através de projetos de investigação, e na aposta na internacionalização.</p>
IES 3	<p>Sobre este ponto, a entrevistada considera que há ainda muito a fazer para aumentar e potenciar a influência da Educação para o Desenvolvimento na IES 3. Por exemplo, o n.º de professores envolvidos mais diretamente nestas temáticas é ainda limitado, embora tenha havido um conjunto de ações no sentido de o aumentar. Mas, de forma inequívoca, a entrevistada considera que a este nível há uma margem muito grande para trabalhar e evoluir, quer em termos do n.º de professores envolvidos, quer em termos da qualidade do seu trabalho e da forma como esta temática é apropriada pelos professores e depois traduzida na sua ação pedagógica.</p> <p>Por outro lado, não deixa de referir os vários obstáculos associados a esse trabalho. Refere, por exemplo, a compartimentação que ainda se vive nas instituições de ensino, isto é, a pertença de um professor a um grupo determinado, com culturas profissionais próprias, em relação ao qual é complexo libertar-se. Ao mesmo tempo, considera que se está a atravessar uma fase difícil em termos de organização do trabalho, o que faz com que as pessoas estejam menos disponíveis para aprenderem coisas novas.</p>
OSC 1	<p>Influência da Educação para o Desenvolvimento ao nível do trabalho da OSC 1 em áreas como a dos Direitos Humanos, a participação cívica e o</p>

	combate à desigualdade social faz-se sentir por estas serem temáticas importantes na Educação para o Desenvolvimento. Ou seja, este é um campo em que a Educação para o Desenvolvimento permite desenvolver, explorar temáticas como estas, consideradas fundamentais pela OSC 1. Por outras palavras, a Educação para o Desenvolvimento revela-se útil para a organização trabalhar estas temáticas e para as promover em Portugal, mesmo que tenham de usar outros instrumentos, como a advocacy ou a influência política.
OSC 2	Pensando naquilo que a OSC 2 já faz e que poderia potenciar e ampliar, a entrevistada destaca o trabalho que fizeram com os migrantes, que produziu impacto na visão que os próprios têm sobre o seu contributo para os países de origem. Ao mesmo tempo garantiu condições para que as pessoas, em diálogo umas com as outras, pudessem ler criticamente esses contributos. Este caminho de reflexão em que as pessoas são desafiadas, não pontualmente mas de uma forma contínua, cria condições para que as pessoas repensem o seu lugar no mundo, a sua forma de agir, de pensar. A entrevistada considera, assim, que isto está já ao alcance da OSC 2 – pôr as pessoas a pensar criticamente e com desejos de mudar.
OSC 3	Confrontar com a descrição dos projetos da OSC 3 na categoria 2 – Contextualização institucional, à qual deve ser acrescentado o continuado trabalho de sensibilização para a importância das temáticas de Educação para o Desenvolvimento, junto da administração e dos profissionais da instituição.

6. ED e Formação

Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	<p>Considera necessária a publicação de estudos sobre Educação para o Desenvolvimento (investigação teórica e prática desenvolvida pela própria instituição ou resultantes de parcerias com outras instituições), até como forma de romper com alguns preconceitos. Ou seja, falta investigação sobre Educação para o Desenvolvimento e divulgação dessa mesma investigação, para além do envolvimento dos investigadores, dos professores e dos alunos na dinâmica de investigação-ação relativa à Educação para o Desenvolvimento. Isto numa perspetiva teórico-prática, englobando exemplos de ações de Educação para o Desenvolvimento.</p> <p>Para além deste ponto relativo à investigação, o entrevistado refere igualmente a questão do financiamento. Neste sentido, avança que poderia existir financiamento, por exemplo, para a dinamização de cursos livres sobre a temática, para investigação-ação em Educação para o Desenvolvimento. Na verdade, o entrevistado considera que, sobretudo no contexto económico como o que vivemos, o financiamento é fundamental para alguma coisa iniciar.</p> <p>Informação sobre Educação para o Desenvolvimento</p>

	<p>Questionado sobre se a informação disponibilizada sobre Educação para o Desenvolvimento é clara e suficiente, o entrevistado afirma que depende dos públicos e das informações a que se tem acesso. À partida, as pessoas que não estão tão sensibilizadas para estas temáticas terão mais dificuldade em encontrar informação. Trata-se sobretudo de uma questão de divulgação. Salienta a importância da divulgação <i>online</i>, nomeadamente de recursos pedagógicos sobre a Educação para o Desenvolvimento. No seu entender, em termos de materiais “é sempre possível fazer mais e melhor”, por exemplo, jogos interativos <i>online</i> que trabalhem estas temáticas.</p>
<p>IES 2</p>	<p>As principais necessidades e lacunas ao nível da Educação para o Desenvolvimento fazem-se sentir a nível material, ao nível de recursos e de financiamento. É necessária uma melhor distribuição dos recursos. É igualmente necessário um maior investimento na formação de formadores para o ensino superior.</p> <p>Uma outra lacuna tem a ver com a falta de quantificação dos resultados dos projetos de Educação para o Desenvolvimento, que deveriam ser divulgados e apresentados como um retorno dos mesmos, como exemplo da aplicabilidade e do retorno económico do conceito de Educação para o Desenvolvimento.</p> <p>Informação sobre Educação para o Desenvolvimento</p> <p>Ainda não é clara a informação sobre Educação para o Desenvolvimento que chega à sociedade de uma forma geral. Se ela fosse clara, a própria comunidade estaria mais interessada, nomeadamente as empresas, os bancos. Falta informação e divulgação dos resultados alcançados.</p> <p>Na Internet esta informação está disponível. No entanto, a entrevistada considera necessária uma campanha mais intensa de divulgação, a nível das escolas e dos centros de investigação.</p>
<p>IES 3</p>	<p>Necessidades da IES 3 ao nível da Educação para o Desenvolvimento</p> <p>A entrevistada demonstra alguma dificuldade em responder a esta questão, uma vez que a IES 3 está já habituada a trabalhar em várias áreas (e não apenas ao nível da Educação para o Desenvolvimento) com muito poucos recursos. Aliás, em termos do trabalho em Educação para o Desenvolvimento, considera até que há um balanço positivo em termos dos recursos que têm tido disponíveis.</p> <p>Ainda assim aponta lacunas ou aspetos que seria interessante melhorar:</p> <ul style="list-style-type: none"> - não têm até ao momento conseguido integrar uma rede internacional ligada à educação e à integração desta temática nos currículos, quer da formação de professores, quer das crianças do ensino básico. Este trabalho em rede seria uma oportunidade muito boa. Salienta, assim, que o isolamento, nacional e internacional, das instituições é sempre algo limitador das suas ações; - reconhece também que a participação de uma equipa mais alargada e a posse de mais recursos financeiros facilitariam o trabalho da instituição. <p>Em suma, considera que os principais obstáculos se prendem com a dificuldade em trabalhar em equipa e na aceitação da importância da temática, não estando tão relacionados com a falta de recursos humanos ou</p>

	<p>financeiros.</p> <p>Informação sobre Educação para o Desenvolvimento O tema e a própria designação não conseguiram ainda tornar-se claros e visíveis, até mesmo para os intervenientes na área da educação e sobretudo para o público em geral. A Educação para o Desenvolvimento não é um tema evidente, não é uma designação clara. A própria designação também não permite às pessoas uma identificação evidente do conceito que lhe está subjacente. É necessário clarificar e divulgar o conceito.</p>
OSC 1	<p>Uma necessidade apontada como óbvia é a revisão da ENED, no sentido de repensar o conceito, os instrumentos, os meios. A este nível identifica como obstáculo à mudança do conceito o facto de, por norma, as ONG não se pautarem pela articulação entre Educação para o Desenvolvimento e Cooperação para o Desenvolvimento e pelas influências mútuas. Assim, acaba por haver pouca influência de quem trabalha em Cooperação para o Desenvolvimento na discussão sobre o conceito de Educação para o Desenvolvimento e a sua definição.</p> <p>Informação sobre Educação para o Desenvolvimento Questionada sobre a informação disponibilizada sobre Educação para o Desenvolvimento, a entrevistada tem alguma dificuldade em responder. Faz referência à existência de informação sobre Educação para o Desenvolvimento que mais valia não existir, mas sobretudo salienta a necessidade de perceber como é que o público português tem acesso a essa informação (através da TV, imprensa escrita, escolas, associações locais, ONG). Destaca um estudo feito, há cerca de 10 anos, pela Direção da Plataforma (encomendado à Universidade de Aveiro) sobre a opinião da população portuguesa sobre Cooperação para o Desenvolvimento e salienta a importância de o atualizar.</p>
OSC 2	<p>O financiamento é uma das necessidades identificadas pela entrevistada, porque está desde logo ligado à possibilidade da instituição ter mais pessoas a trabalhar e da equipa poder fazer deslocações. Apesar de fazerem coisas com qualidade sem financiamento, este ajuda a aumentar a escala e o impacto.</p> <p>Paralelamente, aponta como útil a diminuição do trabalho burocrático que os financiadores exigem, também numa lógica de aumentar a confiança nas organizações.</p> <p>Uma outra necessidade é a formação das pessoas que trabalham estas temáticas e o diálogo entre pares. A este respeito, a entrevistada destaca a importância do Grupo de ED, das jornadas e do fórum nesse sentido, se bem que nem sempre essa relevância seja explorada. É necessário reforçar esta vertente de capacitação.</p> <p>É igualmente importante haver mais conhecimentos produzidos sobre os processos e as metodologias, uma maior sistematização das experiências. No fundo, é preponderante haver espaço para que se pense nos insucessos e no</p>

	<p>que se pode melhorar.</p> <p>Informação sobre Educação para o Desenvolvimento A entrevistada considera que a informação disponibilizada sobre a Educação para o Desenvolvimento não é suficiente e que, às vezes, peca por ser pouco clara, outras vezes peca por ser simplista. Trata-se de um equilíbrio complexo. Considera que muitas vezes os textos produzidos sobre Educação para o Desenvolvimento são difíceis e que afastam as pessoas à partida. Por outro lado, para clarificar também não se podem criar visões simplistas e lineares da realidade. É necessário aumentar a informação disponível e conseguir este equilíbrio, para além de chegar a outros públicos, a públicos menos óbvios, que não sejam as pessoas que já têm preocupações à partida sobre estes temas. Idealmente, é importante fazer chegar esta informação a qualquer pessoa, o que implica uma mudança nos projetos das próprias organizações que, muitas vezes, têm públicos eleitos.</p>
OSC 3	<p>Numa perspetiva de capacitação, seria importante os profissionais da OSC 3 frequentarem algumas ações de sensibilização. A entrevistada, que é a única representante da instituição no Grupo de ED, sente que a participação de mais colaboradores da organização nesse grupo seria importante, de modo a permitir um contacto mais alargado com a temática, com a experiência de outras organizações. Isto, porque quanto mais sensibilizada estiver a equipa, mais facilmente identifica necessidades e potencialidades de intervenção. Portanto, a este nível a entrevistada vê como uma necessidade maior capacitação dela própria e de alguns membros da equipa. Tal acaba por estar relacionado com a capitalização de projetos e recursos, de intervenções que a organização já faz, para aumentar o seu impacto ao nível da Educação para o Desenvolvimento.</p> <p>Informação sobre Educação para o Desenvolvimento Os recursos existentes são, na opinião da entrevistada, claros e estão muito bem desenvolvidos. Porém, não chegam às massas ou a outro tipo de organizações, pois estão muito restritos ao nível das ONGD. De uma forma geral, as empresas não têm conhecimento sobre o que é a Educação para o Desenvolvimento e, não sabendo o que é e o que se está a fazer, também não conseguem ser atores ativos de intervenção orientada. Eventualmente, as empresas poderiam ter um papel mais ativo, com o apoio das ONGD, porque muitas vezes, as empresas querem fazer, mas não sabem o que fazer, como podem gerar impacto. Se houvesse mais diálogo entre empresas e ONGD, talvez estas pudessem ajudar as primeiras a mudar a lógica de fazer projetos pontuais “para ficar bem na fotografia” e promover uma intervenção orientada das empresas, de modo a potenciar os impactos positivos que geram e a minimizar os negativos. Esta seria uma forma da Educação para o Desenvolvimento estar presente ao nível das empresas. É necessário que o conceito chegue a mais e a novos públicos. Neste momento está circunscrito a um nicho. É necessário “alargar a rede de</p>

	diálogo”, falar mais de Educação para o Desenvolvimento e falar a mesma linguagem. Talvez se não existissem tantos conceitos, este processo estivesse facilitado.
--	---

7. ENED e sua influência na instituição	
Entrevistado	Resumo / Análise
IES 1	<p>Considera que a ENED não teve impacto na sua instituição porque nem sequer a conhecem, ou se a conhecem, não está explícita na sua atuação diária. Fazem-se algumas coisas que estão na ENED, mas porque já fazem parte da instituição e não por estarem presentes no documento estratégico.</p> <p>Avaliação da ENED Tem a percepção de que a ENED está centralizada em Lisboa, tendo também um foco em Viana do Castelo; ou seja, para o entrevistado, a influência está muito dependente das instituições que trabalham a Educação para o Desenvolvimento em Portugal. Desta forma, no seu entender, a ENED está a ser essencialmente implementada em Lisboa, que é onde se concentra a maior parte do financiamento. Fora de Lisboa, a implementação da ENED está dependente das instituições (geralmente organizações não governamentais) que trabalham esta temática. Paralelamente, a perspetiva do atual governo sobre a importância da Educação para o Desenvolvimento em Portugal condiciona o sucesso da implementação da ENED (dá como exemplo disso o corte de financiamento aos projetos de Educação para o Desenvolvimento), que está assim muito dependente dos ciclos políticos.</p>
IES 2	<p>Impacto conceptual e estratégico da ENED A entrevistada considera que se avançou muito a nível conceptual e estratégico, seguindo de perto as orientações das Nações Unidas, da UNESCO. No entanto, há lacunas ao nível da ação nas comunidades. Há um desfazamento entre a dimensão conceptual e a dimensão prática, daí a diferença dos valores atribuídos à influência da ENED nas duas dimensões.</p>
IES 3	<p>Influência prática A ENED tornou possível uma boa relação da IES 3 com o meio e com as escolas com que trabalham. Muitas escolas avaliaram de uma maneira muito positiva o trabalho que os alunos desenvolveram na área da Educação para o Desenvolvimento. Perceberam que esta é uma lacuna importante no trabalho que as escolas realizam (os currículos das escolas deixaram de ter espaço e tempo para o trabalho de dimensões ligadas à cidadania). Assim, estas escolas começaram a olhar para os alunos da IES 3 que nelas desenvolvem trabalho sobre estas temáticas como parceiros que contribuem para o trabalho educativo das escolas.</p> <p>Influência conceptual O impacto é mais modesto, ainda que o potencial seja imenso. Os estudantes e professores da IES 3 precisam de abordar os conteúdos programáticos,</p>

	<p>utilizando a Educação para o Desenvolvimento como grelha de leitura da realidade.</p> <p>Influência estratégica A Educação para o Desenvolvimento ajudou a clarificar e a definir o perfil de estudantes que a IES 3 pretende formar, introduzindo esta vertente de formar cidadãos atentos ao mundo. A nível institucional, o impacto tem acontecido através do reconhecimento da ED como uma área de interesse, cujo envolvimento da IES 3 é fulcral, quer do ponto de vista da investigação, quer do ponto de vista do trabalho pedagógico e da formação de professores.</p> <p>Avaliação da ENED Fazendo uma leitura enquanto cidadã, a entrevistada considera que a Educação para o Desenvolvimento ainda não é um tema que esteja presente nas preocupações e nas questões que as pessoas colocam. Fazendo uma leitura de uma pessoa que trabalha na área da Educação para o Desenvolvimento, considera que tem havido reveses grandes no trabalho nesta área. Na sua perspetiva, as reformas curriculares estão a colocar o ensino numa abordagem muito tradicional, com uma focalização no conhecimento, retirando importância à formação para a cidadania, para os valores, o que afeta a penetração destas temáticas nas escolas. Embora muito próximos de 2015, a entrevistada considera que se está numa fase ainda longe do desejável.</p>
<p>OSC 1</p>	<p>Faz referência à existência de ONG que praticamente só trabalham Educação para o Desenvolvimento, que acabam por ter um peso maior do que outras na definição do conceito. Neste sentido, tem noção de que o poder da OSC 1 influenciar a mudança do conceito presente na ENED é limitada. Aliás, a capacidade da instituição mudar a definição do conceito é mais pelas suas práticas do que pelas discussões em torno do mesmo. Volta a frisar que a OSC 1 não se revê no conceito de Educação para o Desenvolvimento presente na ENED, nem nas ferramentas propostas, e daí a influência desta na instituição ser escassa.</p>
<p>OSC 2</p>	<p>Impacto da ENED a nível conceptual A entrevistada considera que a ENED é uma boa base a nível conceptual. Tem um papel de organizar e estruturar e de criar uma linguagem comum às várias organizações. Não se trata de um documento fechado e ajuda a clarificar o que é a Educação para o Desenvolvimento. Ao mesmo tempo ajuda a definir áreas de intervenção e permitiu criar uma boa base de diálogo entre as organizações.</p> <p>Impacto da ENED a nível prático O principal contributo prático da ENED foi o de contribuir para que as organizações consigam situar as suas práticas. No fundo, indica áreas prioritárias ao nível da Educação para o Desenvolvimento.</p>

	<p>Impacto da ENED a nível estratégico</p> <p>O facto de definir medidas prioritárias faz com que quando na OSC 2 se pensa no que se vai fazer, recorram à ENED e procurem perceber onde é que se inscrevem. Ou seja, quando a OSC 2 desenha a sua estratégia, toma como referência aquelas que são as medidas prioritárias identificadas pela ENED.</p> <p>A entrevistada refere ainda que para si é uma grande surpresa o papel da ENED no contexto das organizações no seu conjunto. Por exemplo, ao nível do Grupo de ED da Plataforma das ONGD refere que são raras as reuniões em que não se fale da ENED. Considera, por isso, que é um documento do qual as organizações realmente se apropriaram e no qual se reveem.</p>
OSC 3	<p>A entrevistada considera a ENED um documento importante e que deve continuar a existir, uma vez que se constitui como um documento de referência. Por exemplo, na organização, quando estão a ser desenhados projetos, a ENED é sempre consultada, porque através do documento conseguem desenvolver ideias para os projetos, conseguem enriquecê-los e perceber o seu alinhamento. No fundo, recorrendo à ENED, torna-se possível realizar uma reflexão crítica e perceber o enquadramento dos projetos que desenvolvem.</p> <p>Portanto, no entender da entrevistada, a ENED é um documento que deve continuar a existir, deve ser revisto quando necessário e deve ser divulgado.</p>

8. ED em Portugal	
Entrevistado/a	Resumo / Análise
IES 1	<p>Considera que foram dados grandes passos em Portugal para a formalização e divulgação da Educação para o Desenvolvimento, para a implementação das estratégias. No entanto, tem a percepção de que é preciso continuar e aumentar o financiamento. É essencial continuar e não deixar que todo o trabalho feito em termos da construção da estratégia e das boas práticas a ela associadas se perca. Muita desta construção passa pelo trabalho das ONG, que têm continuado a promover ações de Educação para o Desenvolvimento, mesmo sem financiamento ou com pouco financiamento. O ideal seria ampliar, de modo a que a ED não continue a centrar-se nos grandes centros urbanos e, principalmente na Área Metropolitana de Lisboa que, no seu entender, é onde se concentra o grosso das atividades de Educação para o Desenvolvimento e da implementação da ENED.</p> <p>Poderia ser também considerado um outro papel da Educação para o Desenvolvimento ao nível da educação formal. No entanto, o entrevistado vê com alguma dificuldade a concretização deste ponto, até pela falta de sensibilidade do atual governo a estas temáticas.</p> <p>No âmbito do ensino superior, dá como referência o trabalho da IES 1 na formação inicial de professores, que pode ser alargado a outras instituições e áreas de formação, uma vez que a Educação para o Desenvolvimento e a ENED têm um papel importante na formação de professores, mas também de</p>

	<p>outros profissionais. A Educação para o Desenvolvimento é, por isso, vista como uma componente fundamental e transversal a todas as áreas de formação.</p> <p>O grande desafio da Educação para o Desenvolvimento em Portugal é não ser extinta, é continuar e ampliar o seu raio de ação, dentro e para fora dos grandes centros urbanos. O desafio passa então por não perder a relevância que tem e por ganhar ainda mais relevo.</p>
<p>IES 2</p>	<p>A entrevistada reconhece o valor das iniciativas governamentais e das próprias organizações ao nível da Educação para o Desenvolvimento, mas questiona o eco, o impacto dessas mesmas iniciativas ao nível comunitário. Neste sentido, destaca, igualmente, as iniciativas que ocorrem ao nível das instituições de ensino, mas considera que “a educação não pode ser uma ilha isolada”.</p> <p>Quando questionada sobre os desafios da Educação para o Desenvolvimento em Portugal, a entrevistada sublinha que “os belos documentos não fazem os belos resultados”. É necessário que os projetos de Educação para o Desenvolvimento produzam efeitos concretos nas comunidades. E a este nível operacional, é referida a atual e complexa conjuntura económica como um desafio que é necessário superar.</p> <p>De certa forma, apresenta também como desafio uma maior ligação entre as instituições de ensino e de investigação e o setor produtivo, as empresas, ao nível dos projetos de Educação para o Desenvolvimento.</p>
<p>IES 3</p>	<p>Atualmente, a vontade política em relação a estas temáticas é bastante menor relativamente à altura em que a estratégia foi definida, mas no entender da entrevistada há compromissos europeus importantes que fazem com que a estratégia não possa cair de todo.</p> <p>Perante este contexto, os principais desafios da Educação para o Desenvolvimento passam por pensar de forma alternativa e criativa, por encontrar organizações e definir linhas de ação que contrariem a tendência dominante de atribuição de uma escassa importância a estes temas. Surgem, igualmente, como desafio o envolvimento de muitas organizações e muitos agentes que têm trabalho consistente no terreno ao nível destas temáticas e o alargamento do número de pessoas envolvidas.</p> <p>Educação para o Desenvolvimento e ensino superior</p> <p>A missão mais nobre do ensino superior é ser o lugar de questionamento, de compreensão da realidade, de compreensão da complexidade do mundo contemporâneo, de desenvolvimento das competências, de reunião de pessoas em torno de projetos que possam contribuir para um mundo melhor. Neste sentido, a Educação para o Desenvolvimento é uma dimensão que deve estar presente e que deveria consumir uma boa parte do tempo, da energia e das capacidades dos agentes no ensino superior.</p> <p>O desenvolvimento de investigação na área, a recolha de indicadores, a construção de projetos que contribuam para objetivos integrados na Educação para o Desenvolvimento serão importantes áreas de atuação do ensino superior ao nível da ED.</p>

<p>OSC 1</p>	<p>Por falta de formação, por falta de aprofundamento do conhecimento (no sentido do debate e da reflexão), muitas organizações que trabalham a Educação para o Desenvolvimento acabam por não se afastar muito de imagens simplistas e estereotipadas acerca das origens dos problemas. Por esta razão, grande parte do trabalho em Educação para o Desenvolvimento praticado em Portugal tem um carácter paternalista relativamente aos povos dos países em desenvolvimento; reduz a noção de Cooperação para o Desenvolvimento a valores humanitários; há uma atitude de alguma “inconsciente superioridade” e de alguma “inconsciente visão assistencialista e paternalista”, que oculta que há fatores que têm a ver com relações de poder, com relações políticas e com os papéis das multinacionais no mundo, entre outros fatores que não têm a ver com determinismos históricos. No fundo, a prática de Educação para o Desenvolvimento em Portugal, por norma, não inclui o combate político. Segundo a visão da OSC 1, falta à Educação para o Desenvolvimento essa consciência, esse assumir de que há um combate político a fazer no mundo. Aliás, este pode ser visto como um dos principais desafios da Educação para o Desenvolvimento atualmente.</p>
<p>OSC 2</p>	<p>A entrevistada considera que as organizações costumam queixar-se muito de que a Educação para o Desenvolvimento surge como parente pobre, que a Cooperação é mais valorizada e que a Educação para o Desenvolvimento é utilizada como forma de legitimar a Cooperação e de obter visibilidade e reconhecimento da mesma.</p> <p>No seu entender, são poucas as pessoas a trabalhar em Educação para o Desenvolvimento. Há organizações que têm tido um papel importante no envolvimento e capacitação de outros agentes de Educação para o Desenvolvimento (professores, jovens,...).</p> <p>No entanto, reconhece que há imenso trabalho a fazer, nomeadamente ao nível da influência política. Ao mesmo tempo, não obstante o bom trabalho levado a cabo pelas organizações, este chega ainda a muito pouca gente. Só uma minoria da população tem acesso a ações de Educação para o Desenvolvimento.</p> <p>É necessário haver mais pessoas a trabalhar na área da Educação para o Desenvolvimento e de forma mais séria. A entrevistada faz referência à existência de organizações que têm uma ação mais limitada, por falta de recursos.</p> <p>Globalmente, há uma tendência de articulação com outras organizações, que é avaliada de forma muito positiva pela entrevistada e que é vista como um contributo importante da ENED. Nota também uma tendência de abertura para lá das temáticas típicas da Educação para o Desenvolvimento.</p>
<p>OSC 3</p>	<p>Do ponto de vista político, é necessário continuar o trabalho de sensibilização para continuarem a valorizar e para continuar a haver financiamentos para a Educação para o Desenvolvimento, ao nível de Portugal e da União Europeia.</p> <p>É necessário alargar a esfera de influência, isto é, chegar a mais pessoas, a mais e a outro tipo de organizações, tendo subjacente que este trabalho de sensibilização implica um contacto muito direto e contínuo com as pessoas.</p>

	<p>Mas, talvez, para tornar isso possível, seria igualmente importante ter campanhas macro nacionais, de modo a que a comunidade saiba o que é Educação para o Desenvolvimento. Por outras palavras, no entender da entrevistada, seria importante o conceito de Educação para o Desenvolvimento ser conhecido de forma mais massificada.</p> <p>Principais desafios Financiamento público e outras formas de financiamento. No que respeita à procura de outras formas de financiamento, a entrevistada faz questão de realçar a necessidade de garantir que esta é feita de forma a evitar que as organizações compactuem com meros objetivos de <i>marketing</i> das empresas e com valores que as organizações não subscrevem. Um outro grande desafio é o alargamento das temáticas de Educação para o Desenvolvimento a mais e a diferentes públicos (ex.: associações de imigrantes, entidades governamentais para além do Ministério da Educação, empresas,...), até para que não se encontrem sempre as mesmas pessoas nos espaços de reflexão.</p>
--	---

9. Iniciativas em ED	
Entrevistado	Resumo / Análise
IES 1	<p>A introdução da Educação para o Desenvolvimento na formação inicial e na formação contínua e certificada de professores é exemplo de uma iniciativa interessante, porque tem um poder transformador muito grande e pode ser superior do que trabalhar nas escolas só com os alunos. Aliás, a promoção da Educação para o Desenvolvimento na formação certificada de professores pode ser uma forma da ED chegar mais às escolas e não estar tão dependente de financiamento.</p> <p>Em Lisboa há algumas iniciativas mais continuadas que trabalham estas temáticas junto das escolas.</p>
IES 2	<p>A este respeito a entrevistada refere as ONG e as escolas que trabalham, por exemplo, para a promoção de um comércio justo e sustentável, bem como as campanhas para a educação global.</p>
IES 3	<p>O trabalho de capacitação de instituições de ensino superior, nomeadamente daquelas que trabalham na área da formação de professores, para a Educação para o Desenvolvimento é uma das iniciativas muito importantes.</p>
OSC 1	-
OSC 2	<p>A entrevistada realça a importância do projeto Sinergias ED, porque faz uma ponte entre o mundo académico e as ONGD, o que é visto como fundamental, uma vez que é necessário construir conhecimento socialmente útil, com potencial de transformação.</p> <p>Destaca também o projeto do CIDAC e da Fundação Gonçalo da Silveiracom os professores, um projeto com muito potencial de multiplicação e de aumento do impacto das ações de Educação para o Desenvolvimento.</p>

	<p>Momentos de partilha como as Jornadas de ED, o Fórum de ED, para as pessoas se encontrarem, para pensarem em conjunto. O próprio Grupo de ED da Plataforma das ONGD é referido.</p>
OSC 3	<p>Projeto Economia Sem Fronteiras, desenvolvido pelo Instituto Marquês de Valle Flôr.</p> <p>Campanhas desenvolvidas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento do Milénio.</p> <p>Sinergias ED – importância do levantamento das percepções de Educação para o Desenvolvimento para que se possa trabalhar conceitos e perceber que ajustamentos são necessários.</p> <p>Grupo de ED da Plataforma das ONGD – trabalho importante e integrado, que permite colocar os diferentes atores nesta área a falar e a partilhar, sendo também uma forma de divulgação do trabalho realizado.</p> <p>Rede de Educação para a Cidadania Global, projeto do CIDAC e da Fundação Gonçalo da Silveira, com os professores, que são agentes estratégicos, na medida em que contribuem para a formação e sensibilização dos seus alunos.</p>